

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIA DE FÁTIMA BRAGA NOVAES

O GRAFISMO INFANTIL E SUA RELAÇÃO COM A ESCRITA: uma
experiência vivida na Associação Pestalozzi de Codó - MA

CODÓ – MA
2020

MARIA DE FÁTIMA BRAGA NOVAES

O GRAFISMO INFANTIL E SUA RELAÇÃO COM A ESCRITA: uma
experiência vivida na Associação Pestalozzi de Codó - MA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade
Federal do Maranhão – Campus VII, Codó, como
requisito final para obtenção do grau em Licenciatura
em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Dias Martins da
Costa

CODÓ-MA

2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Novaes, Maria de Fátima Braga.

O GRAFISMO INFANTIL E SUA RELAÇÃO COM A ESCRITA : uma
experiência vivida na Associação Pestalozzi de Codó-MA /
Maria de Fátima Braga Novaes. - 2020.

83 f.

Orientador(a): Cristiane Dias Martins da Costa.
Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Codó-MA, 2020.

1. Arte. 2. Desenho infantil. 3. Escrita. 4.
Professor. I. Costa, Cristiane Dias Martins da. II.
Título.

MARIA DE FÁTIMA BRAGA NOVAES

O GRAFISMO INFANTIL E SUA RELAÇÃO COM A ESCRITA: uma
experiência vivida na Associação Pestalozzi de Codó - MA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade
Federal do Maranhão – Campus VII, Codó, como
requisito final para obtenção do grau em Licenciatura
em Pedagogia.

Aprovada em 17 de setembro de 2020

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristiane Dias Martins da Costa (UFMA- Campus Codó)
(Orientadora)

Profa. Dra. Marise Marçalina de Castro Silva Rosa (UFMA – Campus Bacanga)

Prof. Dr. Luís Henrique Serra (UFMA – Campus Codó)

**CODÓ-MA
2020**

Dedico este trabalho aos meus pais Raimunda Braga e José Ribamar Novaes pelo incentivo e apoio durante esta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por esta conquista em minha vida, pois, sem ele, tenho certeza que não estaria firme até o fim. Agradeço também a todos os meus familiares, em especial, aos meus pais Raimunda Braga e José Ribamar Novaes e também a minha irmã Francisca Braga Novais pela disponibilidade de seu transporte para as minhas idas e vindas até a Universidade.

Aos meus colegas da turma 2016.2, que é uma turma extraordinária e me proporcionaram momentos de alegria, troca de conhecimento, a fazer novas amizades que permanecem para vida, em especial a minha amiga e comadre Mirelle Brandão, Estela Marques, Sebastiana Reis, Jarlene de Oliveira, Joelma Santana, Maria Léia e aos demais que também tenho grande carinho e respeito.

Agradeço também à minha orientadora, profa. Cristiane Dias Martins da Costa, pela disponibilidade, pelo conhecimento mediado nestes quatro anos de curso, e por aceitar ser minha orientadora. Agradeço a ela também pela oportunidade em poder participar do projeto de extensão “Alfabetização e Letramento na Educação Especial”, projeto este que me proporcionou conhecer de perto como é a realidade educacional do nosso município em específico a educação especial.

Assim como todos os professores, que tive durante a graduação que são essenciais para minha formação tanto profissional como pessoal. Agradeço aos professores, aos alunos e a gestora da Escola Lalá Ramos que me acolheram de braços abertos na execução do projeto e durante a aplicação da pesquisa e as minhas colegas do projeto que juntas procuramos dá o nosso melhor na realização deste projeto, Norma Beatriz, Larissa, Ingrid, Semilla, Maria das Neves, Joelma, Jarlene, gratidão a elas.

RESUMO

O grafismo infantil é a primeira forma de escrita representada pela criança antes mesmo de ser alfabetizada, é mediante os desenhos que são representados os sentimentos, desejos, a imaginação e fatos vivenciados em sua vida. Neste sentido, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a relação do grafismo com a escrita de alunos do segundo ano, anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Lalá Ramos da cidade de Codó-MA. Para tanto, também será investigado o contexto histórico da arte e da escrita, assim como será verificada a concepção dos professores desta instituição de ensino no que diz respeito à importância do desenho para o desenvolvimento da criança. Neste contexto, esta pesquisa foi realizada de acordo com as seguintes modalidades: pesquisa bibliográfica e pesquisa etnográfica. Na primeira modalidade, foram feitas leituras em documentos oficiais do ensino, como os Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte (1997), Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998), Base Comum Curricular para o Ensino Infantil e Fundamental (2017), assim como, foram feitas leituras em periódicos, monografias, dissertações e livros que envolvem a temática em análise. Na segunda modalidade, foram realizadas observações, experiência com grafismo espontâneo e direcionado com os alunos do segundo ano e entrevista com os professores da escola citada anteriormente. Deste modo, foi aplicado um questionário para obtenção dos dados composto por oito perguntas. Após a pesquisa bibliográfica e a pesquisa etnográfica, foram realizadas análises e discussões sobre os dados alcançados. Com isso, foi possível constatar que o processo de evolução da arte à escrita passou por diversas nuances até ser criado a escrita alfabética, além disso, conclui-se que o desenho é importante para desenvolvimento integral da criança e, quando praticado na sala de aula, este espaço deve ser estimulante e proporcionar sensação de bem-estar para criança durante suas criações. O professor nesse contexto deve incentivar seus alunos a criarem seus próprios desenhos, conhecer as fases de evolução do grafismo para assim interpretar os desenhos dos alunos. Este trabalho monográfico possibilitou também perceber a relação entre desenho e escrita presentes nos desenhos dos alunos do segundo ano. Enfim, esta pesquisa nos levou a refletir sobre aspectos concernentes ao desenho infantil e sua relação com escrita, e como o desenho é importante para o desenvolvimento gráfico e integral da criança.

Palavras-Chave: Desenho infantil. Escrita. Professor. Arte.

ABSTRACT

Children's graphics are the first form of writing represented by the child even before being literate, it is through drawings that the feelings, desires, imagination and facts experienced in his life are represented. In this sense, the present research has the general objective of analyzing the relationship between graphics and the writing of second year students, early years of Elementary School at Escola Lalá Ramos in the city of Codó-MA. To this end, the historical context of art and writing will also be investigated, as well as the conception of the teachers of this educational institution will be verified with regard to the importance of drawing for the child's development. In this context, this research was carried out according to the following modalities: bibliographic research and ethnographic research. In the first modality, readings were made in official teaching documents, such as the National Curriculum Parameters - Art (1997), National Curriculum Reference for Early Childhood Education (1998), Common Curricular Base for Early Childhood and Elementary Education (2017), as well as, readings were made in periodicals, monographs, dissertations and books involving the subject under analysis. In the second modality, observations were made, experience with spontaneous and directed graphics with second year students and interviews with teachers from the school mentioned above. Thus, a questionnaire was applied to obtain the data, consisting of eight questions. After bibliographic research and ethnographic research, analyzes and discussions were carried out on the data obtained. With that, it was possible to verify that the process of evolution from art to writing went through several nuances until the creation of alphabetic writing, in addition, it is concluded that drawing is important for the integral development of the child and, when practiced in the classroom, this space should be stimulating and provide a feeling of well-being for children during their creations. In this context, the teacher must encourage his students to create their own drawings, to know the phases of evolution of the graphics in order to interpret the students' drawings. This monographic work also made it possible to perceive the relationship between drawing and writing present in the drawings of second year students. Anyway, this research led us to reflect on aspects concerning children's drawing and its relationship with writing, and how drawing is important for the child's graphic and integral development.

Keywords: Children's drawing. Writing. Teacher. Art.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Primeiro estágio de evolução do grafismo infantil.....	39
Quadro 2- Segundo estágio de evolução do grafismo infantil.....	40
Quadro 3- Terceiro estágio de evolução do grafismo infantil.....	41
Quadro 4- Quarto estágio de evolução do grafismo infantil.....	42
Quadro 5- Quinto estágio de evolução do grafismo infantil	43
Quadro 6- Identificação do docente.....	45
Quadro 7- Rotina.....	48
Quadro 8- Fases de evolução da escrita.....	59

LISTA DE FIGURA

Figura 1 - Desenho espontâneo Rubi.....	51
Figura 2 - Desenho espontâneo Cristal.....	51
Figura 3 - Desenho espontâneo Ametista.....	52
Figura 4 - Desenho espontâneo Berilo	52
Figura 5 - Desenho espontâneoTurmalina.....	54
Figura 6 - Desenho espontâneo Safira.....	54
Figura 7 - Desenho espontâneo Jaspe.....	56
Figura 8 - Desenho espontâneo Esmeralda.....	56
Figura 9 - Desenho espontâneo Ônix.....	58
Figura 10 - Desenho espontâneo Pérola.....	58
Figura 11 - Desenho direcionado Safira.....	60
Figura 12 - Desenho direcionado Esmeralda.....	60
Figura 13 - Desenho direcionado Pérola.....	61
Figura 14 - Desenho direcionado Turmalina	61
Figura 15 - Desenho direcionado Jaspe.....	63
Figura 16 - Desenho direcionado Safira.....	65
Figura 17 - Desenho direcionado Jaspe.....	65

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CF/88 – Constituição Federal de 1988

HP – Horário Pedagógico

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PcD- Pessoa com Deficiência

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2.1 DA ARTE À ESCRITA.....	16
2.1.1 Contexto histórico da arte	16
2.1.2 Surgimento da linguagem escrita e a escrita alfabética	19
2.1.3 Relação do grafismo com a escola.....	24
2.2 O DESENHO INFANTIL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO	30
2.2.1 O ensino do desenho na educação brasileira.....	30
2.2.2 O olhar do professor sobre o desenho infantil	34
2.2.3 Etapas de evolução do desenho	38
2.3 EXPERIÊNCIA COM GRAFISMO INFANTIL NA SALA DE AULA	43
2.3.1 Caracterização dos componentes da pesquisa.....	44
2.3.2 Os desenhos em sala de aula	48
2.3.3 Desenhos das crianças	50
2.3.4 A concepção dos professores em relação ao grafismo infantil	66
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77
APÊNDICE	82

1 INTRODUÇÃO

O desenho infantil é uma atividade pedagógica envolvente e de grande importância para o desenvolvimento intelectual, emocional e social da criança. É por meio do grafismo que surgem as primeiras expressões gráficas produzidas pelo ser humano, antes mesmo do contato com o ambiente escolar. Além disso, esta atividade também contribui para a criança externar fatos reais ou imaginários, uma vez que este tipo de arte permite a ela expressar sentimentos, anseios e a escrita antes mesmo de ter o conhecimento do alfabeto. É, também um dos recursos didáticos que pode auxiliar o professor dentro de sala de aula, pois, a partir do momento em que o professor passa a olhar o grafismo com mais perspicácia e não como passa tempo, o processo de ensino se torna mais dinâmico e significativo para criança.

Diante disso, o interesse pela temática surgiu a partir dos estudos das disciplinas “Fundamentos e Metodologia para o Ensino de Arte”, “Alfabetização e Letramento I e II” e “Estudos sobre a Infância” ofertadas no curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão, Campus Codó. As discussões durante essas disciplinas permitiram verificar aspectos em comum entre o desenho infantil e sua relação com a escrita. Assim, como a historização acerca do surgimento da linguagem escrita oriunda dos desenhos rupestres, que é a mais antiga forma de comunicação utilizada pelo homem. Estes foram alguns dos motivos que me impulsionaram a pesquisar de forma mais acentuada o desenho infantil e sua relação com a escrita.

Diante dos apontamentos de Hanauer (2013), a atividade de desenho para criança é um ato prazeroso, divertido e necessário, pois permite a ela simbolizar seus pensamentos, desejos e o mundo em que vive utilizando traços, cores e as formas de maneira criativa. Além disso, desenhar permite à criança desenvolver a coordenação motora, o cognitivo, a interação entre os colegas durante as atividades, dentre outras contribuições (HANAUER, 2013). Nesse sentido, pode-se afirmar que desenhar não é somente riscar sem importância, pois, entre as linhas e das cores, existe um significado. Nesta perspectiva, a criação livre para criança se torna importante, tendo em vista, que nesse momento a criança pensa sutilmente o que colocar no papel, no chão ou em outra superfície, despertando neste momento outros sentidos perceptivos. Ressalta-se que, durante o período da infância, o grafismo é utilizado com mais frequência, e conforme as etapas de evolução do desenho da criança, a escrita alfabética vai surgindo. Entretanto, apesar da importância do desenho para as crianças, foi observado que, durante as experiências no

estágio da educação infantil ¹ o desenho ainda é visto como algo simplista, sem muita importância. Foi observado que alguns educadores veem o grafismo como uma mera distração, sendo posto para os alunos como uma atividade somente para entreter sem fins pedagógicos, pois as atividades observadas foram realizadas sem orientação e sem objetivos ao promoverem o ato de desenhar. Além do estágio, foi perceptível no decorrer da participação como bolsista no projeto de extensão “Alfabetização e Letramento na Educação Especial²” realizado na Associação Pestalozzi de Codó, durante dois anos, que as metodologias utilizadas pelas professoras, no que concerne o ensino do desenho, são limitadas, pois estão mais relacionadas ao desenho de datas comemorativas, não sendo observado objetivos mais específicos que propusessem aos alunos ter um momento para criar seus próprios desenhos a partir da imaginação ou até mesmo de suas vivências.

Diante dos benefícios que o grafismo pode proporcionar para a criança, sobretudo na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e tendo como base as observações realizadas no estágio e no projeto de extensão, fomos instigadas a pesquisar, quais são as contribuições do desenho infantil para o processo de alfabetização, tendo o educador como mediador para o desenvolvimento da aprendizagem da escrita? Pois acreditamos que a percepção do desenho nas escolas observadas não tem possibilitado aos alunos os benefícios que o ato de desenhar pode proporcionar à criança no meio educacional. Neste âmbito, esta pesquisa pretende demonstrar a importância do desenho infantil para o desenvolvimento da criança durante a fase de alfabetização em uma turma do segundo ano, anos iniciais do Ensino Fundamental da Associação Pestalozzi.

A partir desta problemática, esta pesquisa tem os seguintes objetivos: analisar a relação do grafismo com a escrita de alunos do segundo ano, anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Lalá Ramos da cidade de Codó-MA, assim como, investigar o contexto histórico da arte no Brasil, para que possa ser compreendido como se sucedeu o processo de evolução da arte a da escrita; descrever a importância e as contribuições do grafismo para o processo de ensino; verificar as concepções dos educadores da Escola Lalá Ramos acerca do desenho infantil e analisar a relação entre desenho infantil e a aprendizagem da escrita.

¹ O estágio Supervisionado na Educação Infantil aconteceu na escola CMEI Maria Luiza Araújo Silva, na turma do Pré I, com carga horária total de 125 horas, distribuídas em cinco etapas, sendo elas assinaturas de documentos, observação, regência, elaboração e aplicação do projeto de intervenção pedagógica e apresentação do relato de experiência.

² Projeto Alfabetização e Letramento na Educação Especial é ofertado na Escola Lalá Ramos desde 2011, tendo como coordenadora a profa. Dr. Cristiane Dias Martins da Costa.

Neste contexto, a presente pesquisa foi realizada de acordo com as seguintes modalidades: pesquisa bibliográfica e pesquisa etnográfica, na primeira modalidade, foram feitas leituras em documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte (1997), Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998), Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Infantil e Fundamental (2017), como também, leituras em periódicos, monografias, dissertações e livros que envolvem a temática em análise.

A segunda etapa da pesquisa é referente à pesquisa etnográfica. Este tipo de pesquisa Wielewicki (2001), conceitua como um método em que o pesquisador utiliza para estudar os povos e sua cultura em um determinado ambiente, descrevendo suas similaridades e compartilhando conhecimento. Esta modalidade da pesquisa teve início no mês de agosto do ano de 2019, sendo realizada na Escola Lalá Ramos, localizada na cidade de Codó – MA, mais conhecida na cidade como Pestalozzi. As atividades de observação e regência foram desenvolvidas na turma do 2º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental no turno matutino com dez crianças, todos os alunos são pessoas com deficiência (PcD). No intuito de verificar a concepção dos professores da escola sobre a importância do grafismo para aprendizagem das crianças, foi elaborado um questionário aos professores do turno matutino.

No primeiro momento da pesquisa em lócus, as atividades realizadas foram por meio da participação nas contações de história do Projeto “Clássicos da literatura infantil: uma viagem no mundo da imaginação” que aconteciam todas as segundas-feiras para todos os alunos do turno matutino da Pestalozzi. Concomitantemente as contações, foram realizadas na turma do 2º ano observações e realização de atividades de desenho livre e direcionado a partir das histórias contadas. O instrumento e técnica utilizado para obtenção dos dados sucedeu com a aplicação de questionário para os professores e com observações dos alunos durante a criação dos desenhos. Para tanto, a coleta de dados ocorreu a partir da análise dos desenhos e das respostas dos professores sobre suas percepções acerca do grafismo da criança, quanto à análise e interpretação dos dados coletados no decorrer da pesquisa tem uma abordagem qualitativa.

Ao que concerne a pesquisa qualitativa, Ferreira, L. (2015, p.117) comenta que “é essencial para o entendimento da realidade humana, das dificuldades vivenciadas, das atitudes e comportamentos dos sujeitos envolvidos, constituindo-se um suporte teórico essencial”. Sendo assim, mediante este tipo de pesquisa a aproximação entre colaborador e pesquisador é dialógica e contribui para conhecer de perto como é a realidade dos colaboradores da pesquisa.

Este tipo de pesquisa tem como objetivo explorar o ambiente investigado, “é um estudo preliminar voltado a familiarizar o pesquisador com o fenômeno sob investigação” (PAIVA, 2019. p. 13) possibilitando a familiaridade com o assunto em análise, objetivando o

conhecimento de maneira mais profunda e esclarecedora, com ideias articuladas para encontrar respostas ao problema da pesquisa. O pesquisador, como ressalta Paiva (2019), no decorrer da pesquisa, é um observador participante, pois pode auxiliar o professor dentro da sala de aula, podendo até substituí-lo quando for o caso, devido este contato próximo com os envolvidos na pesquisa, o pesquisador tem liberdade para expressar sua opinião.

Espera-se que esta pesquisa se faça necessária tanto para o meio acadêmico como social, pois pode contribuir de forma epistemológica para profissionais da área educacional que estão lecionando em escolas da educação infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental ao apresentar a importância do desenho para a aprendizagem da criança, pois pode contribuir dentro do ambiente escolar, cultural e social.

Para melhor organização da apresentação dos dados desta pesquisa, o texto foi organizado em três seções. Na primeira seção nomeada de “Da Arte à Escrita”, a princípio será apresentado o contexto histórico da arte e sua evolução, em seguida será proferido sobre o surgimento da escrita e a escrita alfabética e para concluir será apresentado a relação do grafismo com a escola a luz dos documentos legais.

Na segunda seção intitulada “O desenho infantil e suas contribuições para o processo de ensino” apresentará uma contextualização histórica acerca da disciplina de “Desenho na Educação Brasileira” em diferentes contextos. Além disso, serão apresentados aspectos relevantes sobre o olhar do educador a respeito do desenho infantil e as etapas de evolução do grafismo infantil.

Por fim, na terceira e última seção, serão apresentados os dados coletados na pesquisa de campo, e tem como título, “Experiência com grafismo infantil na sala de aula”. Nesse item, será realizado a análise e interpretação dos resultados obtidos durante a pesquisa a partir dos desenhos das crianças e da visão dos professores a respeito da importância do grafismo para a aprendizagem da criança.

2.1 DA ARTE À ESCRITA

Nesta seção, serão apresentadas discussões sobre a arte à luz dos teóricos de como se sucedeu o surgimento da primeira expressão artística visual criada pelo homem no período da Pré-História, assim como, apontar importantes contribuições da arte para a eclosão e evolução da escrita em diferentes épocas e contextos da sociedade. Para concluir, será dada ênfase à relação do grafismo com a escola a partir de documentos que norteiam a educação brasileira atualmente.

2.1.1 Contexto histórico da arte

A arte está presente no dia a dia do homem desde muito tempo, seja representada de forma simples ou mais elaborada, tem sempre os mesmos objetivos, que são estabelecer uma comunicação visual e também expressar os sentimentos do ser humano desde o período da Pré-História como nos dias atuais. Conforme Marques (2016, p.21) a arte mais antiga é conhecida como arte rupestre, este “termo rupestre vem do francês e significa “gravação” ou “traçado”, fazendo referência direta às técnicas empregadas nas pinturas que representam esse tipo de expressão artística”. Normalmente, a arte rupestre é encontrada nas paredes das cavernas e em pequenas esculturas, tem grande importância na busca de informações sobre o cotidiano do homem pré-histórico (MARQUES, 2016).

De acordo com o autor citado acima, pode-se afirmar que a arte rupestre foi um dos meios adotado pelo homem para expor seus anseios, sua imaginação, seus sentimentos. É também uma expressão artística que auxilia o ser humano a entender como era o convívio destes povos neste período histórico. Em suas pinturas e nos desenhos, são retratados também aspectos do cotidiano destas pessoas. Esta forma de comunicação rupestre atualmente é encontrada principalmente em sítios arqueológicos, no entanto esta não é mais a principal forma de comunicação gráfica entre as pessoas.

Quando é mencionado que a ideia que este tipo de arte está intrinsecamente relacionado ao homem da Pré-História, Marques (2016) pontua que somente no ano de 1902 é que especialistas aceitaram a arte rupestre como uma das criações mais antiga e também de diálogo entre seres-humanos.

A denominação arte rupestre engloba as representações artísticas (desenhos, símbolos e sinais) pré-históricas feitas em paredes, tetos e outras superfícies de cavernas, abrigos rochosos e ao ar livre. No geral, exibiam representações de plantas, animais, pessoas do período em que viviam, e imagens do seu cotidiano, tais como os rituais, danças, caça, alimentação, etc. (MARQUES, 2016, p.23).

Ainda de acordo com Marques (2016), o homem, para elaborar a arte rupestre, utilizou diversos recursos materiais e diferentes ambientes para poder expressar vários tipos de representações de acordo com o contexto na qual era vivenciado. Desta forma, as cores fortes, os traços, os desenhos eram gravados nas paredes das cavernas e também ao ar livre para demonstrar como estava sendo sua vivência, suas necessidades, comportamentos e principalmente sua cultura como ritos, costumes e valores.

Com base nas ideias de Farias (2017), a arte rupestre é uma das fontes de informações mais valiosas, porque possibilita ao homem moderno analisar o passado de forma crítica mediante os desenhos produzidos a milhares de anos, também por favorecer a habilidade de apreciar as obras artísticas. O advento deste tipo de grafismo, como é descrito por alguns autores no período da Pré-História, deu-se especialmente pela necessidade da existência de um sistema de comunicação entre as pessoas,

[...] é bem provável que, no princípio, não houvesse uma linguagem formal definida entre eles; o homem primitivo se comunicava por meio de gestos, sinais e signos visuais e, provavelmente, o desenho tenha sido a primeira forma de comunicação gráfica estabelecida entre eles, surgindo um princípio de comunicação simbólica plasmada por instintos sensíveis da percepção (ROSSI, 2008, p.62).

Na percepção de Rossi (2008), o desenho foi um dos meios de comunicação escrita mais utilizado pelo homem, pois ainda não existia uma linguagem padronizada entre todos os povos, como hoje temos a linguagem formal. Sob este mesmo viés, Justamand (2015) pontua que a grafia presente nos desenhos tem também a função de preservar o desenvolvimento cultural dos primeiros povos existentes na terra, pois através da escrita dos símbolos, das formas geométricas e dos traços fortes eram registrados um pouco de como estava se sucedendo a cultura. Estes grafismos rupestres mostram os costumes e o próprio desenvolvimento cultural dos primeiros habitantes da terra a milhares de anos, e conseqüentemente auxilia o homem da modernidade a compreender a necessidade e a busca do ser humano em criar novas formas para se comunicar e como se adaptou a natureza fazendo uso de recursos que estava ao seu alcance.

Nesta perspectiva, Endo (2009) diz que os desenhos mais representados nas paredes das cavernas eram figuras de grandes animais selvagens, o principal objetivo destas representações era deixar gravadas a alma do animal que ali iria ficar preso para dar sorte nas caças. Em relação à figura humana o autor discorre que esta dificilmente era desenhada, pode-se ver que além de demonstrar através das pinturas estas imagens, o homem que é um ser criativo externava suas crenças religiosas por meio deste tipo de arte visual.

Quando nos reportamos ao surgimento da arte rupestre no Brasil, entende-se segundo Gaspar (2006) que a arte desde o período colonial a princípio produzida pelos europeus

expressava a religiosidade propagada por eles, em relação a arte representada pelos africanos, estes demonstravam como era a sua vivência no continente a qual pertenciam. Justamand (2015, p.53) explica que “no Brasil, nos demais países americanos, assim como também em todo o mundo, as pinturas rupestres tiveram papel social na disseminação das ideias dos grupos”. Isto é, através da arte determinados grupos expandiam seus ideais, sua cultura, costumes e o modo de vida, desta forma a sociedade atual pode estabelecer diálogos entre o passado e perceber algumas semelhanças com aspectos atuais.

De acordo com este contexto, Alves (2006, p. 22) afirma que “as pinturas rupestres são encontradas em todos os continentes - por isso as percebemos como arte universal - e fazem parte do acervo cultural da humanidade”. A expansão deste tipo de arte se deu por todos os continentes e seus registros podem ser encontrados em diferentes locais. Neste sentido, a preservação deste patrimônio histórico da humanidade é imprescindível pois, de certa forma, faz parte da cultura universal, e pode auxiliar o homem a analisar e compreender seu passado.

Segundo Marques (2016), ao contrário do que acontece em outros países, no Brasil a preservação da arte rupestre ainda não é de fato exercida na prática, existe um grande descaso, falta de conscientização das pessoas, “queimadas, a ação de empresas de mineração, e as depredações típicas de turistas (como carregar lembranças) e dos pichadores (vândalos), é uma ameaça a esse patrimônio de valor inestimável” (MARQUES, 2016, p.24). Neste ensejo, é importante destacar alguns dos principais sítios arqueológicos do Brasil, na região nordeste no estado do Piauí está o parque nacional da Serra da Capivara, com mais 360 sítios arqueológicos. No parque, é possível encontrar a maior concentração de sítios arqueológico da América (RIES, 2003). Sua composição se dá por uma “vegetação densa, com canyons gigantescos e morros de mármore cinza e negro, há quilômetros de galerias subterrâneas de vários andares, com lagos e fontes naturais” (RIES, 2003, p. 31).

Ries (2003) também cita o parque nacional das Sete Cidades, criado no ano de 1961, está localizado na região de Piripiri a alguns quilômetros de distância da cidade de Teresina. Este parque foi criado com o objetivo de assegurar a preservação de monumentos da Geologia, Arqueologia e nascentes desta região. Sua composição se dá por formações de arenito que se assemelham à arquitetura de metrópoles ou à figura humana chegando a ser mais de setenta grupos de formações rupestres (RIES, 2003). Segundo o mesmo autor, a Chapada do Araripe é também um dos principais sítios arqueológicos do Brasil, situada na região nordeste, a mesma contempla os estados de Pernambuco, Piauí e Ceará. É considerado o local mais propício para estudos de fósseis do país (RIES, 2003).

Na região de Minas Gerais, a cidade de Lagoa Santa encontra-se vários sítios arqueológicos, contendo mais de 400 grutas e grafismos raros. Esta cidade é conhecida mundialmente pelas variedades de fósseis encontrados nessa região (RIES, 2003). Outro parque nacional de grande renome é a Serra do Cipó situado também na região de Minas Gerais.

[...] é extremamente importante no que diz respeito à conservação dos recursos naturais e à proteção da biodiversidade. Divide os biomas do cerrado (oeste) e da mata atlântica (leste), com destaque para os campos rupestres, ecossistema peculiar, presente em toda a crista da Serra do Espinhaço, é um importante divisor de águas de Minas Gerais, drenando diversos cursos d'água para as bacias dos rios São Francisco, Jequitinhonha e Doce (FERREIRA, A. 2010, p.35).

Conforme os apontamentos de Ferreira (2010), a Serra do Cipó é um parque de grande importância para o Brasil e principalmente para região de Minas Gerais, por sua vasta preservação e conservação do ambiente natural, composto por rios, sítios arqueológicos e uma paisagem exuberante. A presença de sítios arqueológicos no Brasil está presente de forma abrangente com características peculiares que, por conseguinte podem contribuir para análises e inferências de como o ser humano vem se transformando ao longo dos anos. As pinturas rupestres presentes nos sítios arqueológicos foram as primeiras formas de comunicação gráfica estabelecida entre os seres humanos como já foi pontuado ao longo desta pesquisa (MARQUES, 2016). Todos estes aspectos relacionados à arte e aos desenhos rupestres é a base para o surgimento de uma escrita mais elaborada.

Com o passar do tempo, o homem entendeu a necessidade de dar autenticidade aos documentos criados por ele, surgindo então a assinatura elaborada em placas de argila úmida, cabendo aqui, passar também ao leitor, algumas das formas de autenticação de documentos nesta fase da evolução humana (GROBEL; TELLES, 2014, p.2).

2.1.2 Surgimento da linguagem escrita e a escrita alfabética

Com a evolução do homem na sociedade, houve consequentemente a necessidade de uma grafia mais organizada e elaborada em vista de uma comunicação escrita mais eficiente, porque somente os desenhos já não eram mais satisfatórios para estabelecer diálogos em seu corpo social. Desta forma, o homem passou a ter conhecimento de ideias oriundas de outras pessoas com a expansão do código escrito, pois, com a necessidade de se comunicar com pessoas diferentes e de outros locais, possibilitou o acesso a novas fontes de informação a partir da escrita com a difusão da humanidade.

A palavra *escrita* origina-se do latim *scripta* que significa escrever, seu conceito aceito de forma generalizada por vários autores é que a escrita é um conjunto de símbolos, sinais, caracteres, etc., adotados em um determinado sistema de representação gráfica. Em resumo, o registro das marcas em um suporte possibilita a comunicação. No campo da linguística, a escrita é descrita como um sistema de representação gráfica de uma língua, por meio de sinais gravados ou desenhados num suporte, ou como um código de representação simbólica do pensamento. Também

pode ser definida como um método de comunicação humana que se realiza por meio de sinais visuais que constituem um sistema (PASSOS, 2017, p.17).

A escrita é uma produção cultural criada pelo homem para disseminar conhecimento entre os povos de cultura diferentes que almeja aprendizagem (PASSOS, 2017). Como afirma Luna e Silva (2013), com a eclosão da sociedade, o homem começou a expor suas ideias e pensamentos em signos, surgindo desta forma a imersão da linguística que engloba por sua vez um significante e um significado, objetivando uma comunicação entre as pessoas de forma mais clara e objetiva.

A partir da escrita alfabética o homem passou a ter história, pois são documentados todos seus feitos, assim sendo, a evolução do homem a partir da escrita foi muito mais rápida e crescente que na época da Pré-História, em que não existindo, se dava apenas a comunicação visual, que se perpetuou por meio dos desenhos (GROBEL; TELLES, 2014, p. 10 -11).

É notório que os benefícios resultantes da escrita no período da Pré-História foram vários para o homem que em seu dia a dia estava se desenvolvendo e difundindo a forma de comunicação entre si e com a diversidade cultural presente na comunidade. Neste contexto, Passos (2017) ressalta que outras contribuições da escrita surgiram a partir deste momento no qual a população pode usufruir da escrita,

[...] o surgimento da cultura escrita foi condição de desenvolvimento da sociedade, fazendo emergir novas possibilidades intelectuais e uma nova forma de racionalidade, permitindo assim, o desenvolvimento de tecnologias e teorias mais complexas. O surgimento da cultura escrita como processo histórico modificou radicalmente as atividades humanas e as formas culturais, sendo que tais mudanças caracterizam-se como alterações nas formas psicológicas, formas de representação e formas de consciência (PASSOS, 2017, p. 18).

Diante disso, é importante destacar qual o período histórico da humanidade surgiu esta nova linguagem escrita, primeiramente nos reportamos a Idade Antiga, que teve início por volta do ano de 4000. a. C, neste contexto histórico. Segundo Souza, Filho e Trinchão (2015), o surgimento da escrita ocorreu primeiramente nos países da Europa, Ásia e norte da África de forma lenta com os pictogramas que tinham como objetivo gravar seus diálogos e realizar contas.

Na Idade Antiga, teve início também a escrita cuneiforme a 3.000 a. C, na região da Mesopotâmia, esta forma gráfica apresentava as seguintes características, austera, geométrica, abstrata e talhada com calamos, para produzir está escrita cuneiforme era preciso utilizar ferramentas pontiagudas feitas em argila fresca (SOUZA, FILHO; TRINCHÃO, 2015).

Dando continuidade a evolução da escrita, os autores supracitados anteriormente, Souza, Filho e Trinchão (2015) descrevem ainda que na Antiguidade Oriental, a escrita surgiu com

hieróglifos no ano 3.000 a. C, este tipo de escrita no Egito originou mais três formas de escrever sendo elas, hieroglífica, hierática e demótica. Ao que concerne a escrita hieroglífica, esta teve mais de 5.000 símbolos, na qual reproduzia a língua falada, era também uma forma gráfica poética com desenhos em sua composição. Em relação à escrita hierática e demótica, Passos (2017) pontua que o período de surgimento da escrita hierática foi entre os anos de 2625 a 2170 a. C é um tipo de escrita derivada dos hieróglifos, suas principais características são as letras cursivas, esta escrita era destinada principalmente aos sacerdotes para escrita dos textos sagrados sendo esta uma forma de escrita mais simples em relação a escrita hieroglífica. Ainda diante das ideias de Passos (2017), a escrita demótica, começou a ser utilizada a partir do momento que a escrita hierática ficou em desuso, isto foi por volta de 500 anos a. C, era uma escrita do povo, ou seja, uma escrita popular utilizada pelas pessoas no dia a dia. Neste contexto, é importante destacar um novo tipo de escrita desenvolvido pelos fenícios.

O surgimento da primeira escrita alfabética cuneiforme na Fenícia em 1.300 a.C., que utilizava apenas 22 caracteres, todos consoantes. O primeiro alfabeto linear se desenvolveu lá por volta de 1.100 a.C., e com as sucessivas invasões que esse território sofreu, seu alfabeto foi utilizado como base para os alfabetos árabe, grego, hebraico e latino, sendo hoje utilizado indiretamente nos alfabetos ocidentais e semíticos (SOUZA; FILHO; TRINCHÃO, 2015, p.6).

A origem deste novo alfabeto resultou em outros sistemas para criação da escrita, sendo assim, esta grafia foi uma das mais importantes, porque com base neste alfabeto surgiu uma forma de escrever mais planejada que favoreceu a comunicação a distância com mais agilidade. Ainda segundo Souza, Filho e Trinchão (2015) na Antiguidade Clássica teve o surgimento do alfabeto Grego e Romano, em relação a este primeiro, os autores descrevem que foi derivado dos Fenícios com a implantação das vogais no ano de 800 a. C. Quanto aos Romanos, estes criaram alfabeto baseado nos Gregos com a implantação de novas letras e adaptação na forma de escrever, além disso, houve a inclusão de letras cursivas e minúsculas.

Na Idade Média de 476 a. C. 1.453 d. C., segundo Souza, Filho e Trinchão (2015) se desenvolveu a escrita caligráfica, que estava a cargo dos escribas que por sua vez deveria ser a mais autêntica possível, os livros produzidos neste período histórico eram grandes e ficavam guardados dentro das bibliotecas. Os escribas, segundo as concepções da teórica Zatz (1991), eram profissionais especializados com grande prestígio e poder na sociedade, estes profissionais escreviam livros à mão, pois na sociedade o índice de analfabetos era elevado inclusive de pessoas da classe social dominante.

Diante do exposto, é possível notar a evolução da escrita em determinados períodos da história, assim, pode ser observado que durante este período cada tipo de escrita criado estava

de acordo com o contexto vivenciado, pois o homem sempre sentiu a necessidade de aperfeiçoar o código escrito para que houvesse uma melhor compressão acerca do seu modo de vida.

Conforme foi explicitado, as características em torno da evolução do código escrito são várias, foram criadas diferentes formas de escrita e todas estas formas apresentavam desenhos em suas composições, isto foi durante muitos séculos, e para reverter este contexto o homem buscou maneiras para conseguir registrar de forma mais precisa por meio da escrita as palavras faladas (NETA, 2003).

Tendo em vista esta necessidade humana em dialogar com outras pessoas, Cagliari (1996) descreve como ocorreu melhorias na comunicação escrita, o período de transição da escrita ideográfica para fonográfica implicou várias mudanças na forma de escrever, pois antes os nomes eram representados por símbolos que assim como as coisas a serem representadas era bastante numerosa, isto causou dificuldade no momento da escrita das palavras. No entanto, [...] “os pictogramas cederam lugar, então, aos silabários, sinais representando os sons das sílabas. Mudou o ponto de partida da escrita, que passou do significado para o som das palavras, de ideográfica a fonográfica” (CAGLIARI, 1996, p. 1).

Dessa forma, Neta (2003) ratifica que o momento de mudança no hábito de comunicação escrita foi indiscutivelmente um marco histórico para o homem. Assim, surgem a escrita silábica e a escrita alfabética. No que concerne à escrita silábica, esta corresponde a um grupo de sons representados por um sinal, já na escrita alfabética, cada sinal corresponde a uma letra. Nesse sentido, Zatz (1991) afirma que no início um único som era utilizado para várias palavras com som igual, porém para significados completamente diferente. Posteriormente, o som passou a representar pedaços de palavras, ou seja, em uma palavra era utilizado dois sons ou mais dependendo da palavra a ser escrita. Com esta evolução da escrita alfabética, a escrita ideográfica não estava mais sendo utilizada como antes, a forma de escrever foi ressignificada.

Os nomes dos caracteres foram perdendo a relação de conotação com as coisas representadas e adquirindo significado próprio. Porém, o melhor tipo de caractere para representar os sons ainda era o silábico, que trazia muitas redundâncias. Se existiam “letras” como PA, BA, TA, AS, LA, RA ou PE, BE, TE, SE, LE, RE, podia-se simplificar mais ainda e formar uma nova classe de caracteres, como A, E, P, B, T, S, L, R, etc. Esta é, na teoria, a lógica do desenvolvimento do alfabeto (CAGLIARI, 1996, p.02).

Deste modo, a escrita alfabética foi adquirindo características próprias, resultando assim em um sistema de escrita padronizado. Neste sentido, Cagliari (1996) enfoca que ao colocar letras sendo elas consoantes e vogais uma ao lado da outra formou-se desta forma as sílabas, esta foi uma ideia oriunda dos gregos que deu origem ao alfabeto composto por vinte e quatro letras. Cagliari (1996) discorre ainda que a partir desta evolução na escrita alfabética,

posteriormente, houve a implementação dos acentos com os sinais de pontuação nas palavras que “foram introduzidas por Aristófanes de Bizâncio (250-180 a.C.) e pelo grande Aristarco” (CAGLIARI, 1996, p. 4).

Conforme afirma Neta (2003) outra característica peculiar da escrita alfabética é a representação das letras em formato minúsculo, isso se deu primeiramente devido aos suportes para elaboração da escrita que foram reformulados, os suportes utilizados que contribuíram para a diminuição no formato das letras foram o papiro e pergaminho. Sobre este primeiro material para escrita, Zatz (1991) pontua que o mesmo favoreceu agilidade e rapidez no momento da escrita tornando esta ação ainda mais simples. Em relação ao pergaminho, Neta (2003) ressalta que este material era destinado para escrita de documentos e textos importantes, apresentava muita durabilidade, característica essa que levou este suporte ser mais utilizado que o papiro.

Em meio a este processo de transição, Cagliari (1996) descreve que surgiram algumas dificuldades na escrita alfabética, uma delas foi a diversidade linguística especificamente as diferenças dialetais. Pois, com uma língua estabelecida manter a padronização na escrita das palavras só foi possível mediante a implantação da ortografia no sistema da escrita alfabética. Sendo assim, a escrita alfabética foi adquirindo novas características. Como descrito anteriormente, este alfabeto que era composto por vinte e quatro letras passou a ter vinte seis letras e posteriormente os romanos realizaram várias adaptações na forma gráfica, com implementação nos nomes e som das letras do alfabeto grego.

Enfim, estas mudanças foram pertinentes para escrita alfabética ao longo da história da humanidade, refletiu para composição e formato do alfabeto utilizado nos dias vigentes, visto que, a falta da escrita padrão ficava inviável uma interação de forma eficaz entre povos, e por intermédio das variações na escrita foi possível mais simplicidade e facilidade na forma de ler e escrever. Ao analisar e comparar o processo de evolução da escrita com o desenvolvimento da aprendizagem escrita, existem pontos que se assemelham, pois, esta evolução acontece de forma gradativa. Neste sentido, para a criança ter o domínio sobre o código escrito, primeiro ela passa por várias fases tendo como ponto de partida o grafismo até conseguir chegar ao nível alfabético. “Assim, a criança descobre e elabora progressivamente suas funções e características e leva muito tempo até dominar a integralidade das formas e usos da escrita” (FAYOL, 2014, p. 34). Sendo assim, esta relação entre desenho e escrita é indissociável para criança logo nas primeiras etapas de aquisição da escrita, haja vista que o desenho desde as pinturas rupestres foram a base para evolução da escrita.

2.1.3 Relação do grafismo com a escola

O ato de desenhar é uma arte composta por diferentes percepções e consequentemente por diversos significados, sendo o mesmo de extrema importância para o aluno durante seu processo de formação. Neste contexto, Pereira (2016, p.3) afirma que “o desenho é uma das mais antigas manifestações expressivas que o ser humano conhece. As pinturas rupestres deixadas pelos homens da idade paleolítica e neolítica³ são exemplos das suas qualidades expressivas”. Assim, antes do ser humano ter o conhecimento acerca da linguagem escrita, ou seja, do alfabeto, se comunicava por meio dos desenhos utilizando traços, cores fortes, linhas para poder interagir com o seu meio social, como descrito anteriormente.

Nesta perspectiva, segundo o dicionário online de Português, a palavra grafismo tem os seguintes significados: “Técnica que consiste na elaboração de traçados preparatórios para a escrita, desprovidos de qualquer significação. [...] Modo de traçar uma linha, de desenhar” (GRAFISMO, 2020). Diante disso, percebe-se que a criança tem o grafismo como base para o desenvolvimento da escrita alfabética, pois antes de ter o domínio deste código escrito elas fazem uso desse recurso gráfico para poder expressar diferentes comportamentos. O início do processo de aquisição da escrita pela criança perpassa também diversas fases, sendo assim, quando relaciona o grafismo com a escrita. Lucas, Custódio e Vidotti (2012) ressaltam que durante o primeiro contato da criança com o lápis e o papel, as primeiras formas gráficas traçadas são rabiscos e a relação com a escrita alfabética ainda é distante, mas, com o passar do tempo surgem novas representações gráficas elaboradas com mais precisão.

Os primeiros desenhos parecem surgir de forma espontânea e evoluem junto ao processo de desenvolvimento da criança. Os rabiscos iniciais apontam para a extensão do gesto que deixa marcas, mas nem sempre possuem a intenção de transmitir alguma mensagem. Ocorre, então, o aprimoramento das capacidades sensoriais e motoras e o prazer de registrar. Com o tempo essas marcas passam a ter uma intenção e a criança comunica-se por meio delas (HANAUER, 2013, p.80).

Tendo em vista, as ideias de Hanauer (2013), a criança neste primeiro momento de representação gráfica da escrita ainda não expressa seus pensamentos de forma legível sobre o papel ou em outra superfície, pois não tem intencionalidade, o desenho surge como algo espontâneo é uma atividade dotada de prazer pela criança, que está no início do desenvolvimento da escrita. É a partir deste processo inicial do grafismo que a criança começa a nomear os desenhos que são produzidos por ela e tenta traçar letras, esta relação entre desenho e escrita se faz importante para a fase de alfabetização. Entretanto, segundo Ferreira (2015),

³ A idade paleolítica conhecida também de idade da pedra lascada teve início com o advento da humanidade até 10.000 a.C; Já a idade neolítica eclodiu no ano 8.000 a.C até o ano 5.000 a.C.

somente no final do século XX estudos que envolvem o desenho infantil como uma atividade que contribui para formação do educando começam a ser pesquisados.

[...] nessa época, as crianças eram vistas como adultos em miniatura e apresentavam fracassos nas intervenções que tinham como objetivo preparar um futuro artista. A partir do momento em que se descobre a originalidade da infância que perpassou pela descoberta da ação da criança e da evolução a padrões reconhecíveis e depois interpretáveis, passa-se a reconhecer um novo sentido às produções infantis (FERREIRA, 2015, p.3).

Neste contexto, surgiram novas percepções como também a valorização dos desenhos das crianças, pois como assevera Ferreira (2015) a criança no início do século XX era vista como um adulto e não tinha seus desejos atendidos, as fases do desenvolvimento intelectual eram desrespeitadas, seus pensamentos refletiam as ideias dos adultos. Mas, nos dias atuais a criança é um ser dotado de direitos que lhe são inerentes e a escola como ambiente facilitador pode utiliza diversos artifícios para que o aluno tenha uma aprendizagem reflexiva e crítica.

É interessante assinalar, que a arte assim como as outras disciplinas do currículo escolar, corrobora para formação integral e crítica do aluno, que irá desenvolver competências essenciais para sua vida tanto escolar como social. Neste sentido, o ambiente familiar em alguns casos pode ser o primeiro a proporcionar a criança o contato com o grafismo seja por meio de desenhos prontos ou até mesmo incentivando a criança a criar seus próprios desenhos, a escola por sua vez deve incentivar a criação gráfica dos alunos e a valorizar suas criações de forma que o educando sinta prazer durante suas produções (SOUZA, 2010).

No caso do ambiente escolar, a influência é ainda maior, já que o desenho está inserido em um contexto de saber institucionalizado, onde a “autoridade” tende a repercutir na relação da criança com a imagem. A escola tem um papel importante na construção do processo artístico, afinal ela não é apenas uma instituição onde se proporciona e ou oferece a aprendizagem formal. Nela deve haver também um ambiente de relacionamento significativo, onde as propostas não atendam a currículos, mas que sirvam para envolver os alunos com ideias a serem exploradas, estimulando-os e incentivando-os (SOUZA, 2010, p.11).

Em consonância com esta citação, é explicitado que a escola tem duas funções: uma de proporcionar o conhecimento formal e a outra de mediar este conhecimento adquirido dentro deste ambiente com o meio social do aluno, objetivando uma aprendizagem significativa. No entanto, para que isto de fato aconteça é preciso que a instituição escolar trabalhe com conteúdos além dos que são propostos pelo currículo da escola, ou seja, é preciso que o professor em seu planejamento faça a inserção de temáticas que estão no dia a dia dos seus alunos, para que os mesmos se sintam incentivados e reconhecidos neste ambiente. Nesta perspectiva, as possibilidades para o aluno expressar suas ideias, criar desenhos, são aguçadas dando voz ao educando durante o ensino e aprendizagem (SOUZA, 2010).

Partindo disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de arte-PCNs (1997) salientam que a escola incluindo o ensino de arte no currículo contribui de forma significativa para criança desenvolver seu pensamento artístico e perceptivo, pois além de criar sua própria arte, a criança pode estar apreciando as criações dos colegas.

É através da disciplina de arte na escola, que os alunos vão conhecer o universo cultural proporcionado pelo estudo da mesma, aprender a apreciar e interpretar as obras de arte, além de adquirir a possibilidade de vivenciar a Arte e produzir com autonomia, desenvolvendo habilidades diversas. A escola tem de oferecer um ambiente agradável e propício para o trabalho com a Artes, permitindo aos alunos desenvolverem suas habilidades e visão de mundo com autonomia (FARIAS, 2017, p.14).

Assim, é possível interação, troca de conhecimento e experiências entre os envolvidos durante o processo de criação, que consequentemente possibilita a criança o desenvolvimento da imaginação, sensibilidade e o respeito sobre os trabalhos produzidos pelos colegas dentro da sala de aula e neste contexto a relação com o código escrito pode estar sendo a florada.

Além destes atributos, a arte visual especificamente relacionada ao desenho da criança, proporciona a atribuição de sentidos a realidade, pensamentos, sentimentos, emoções, tudo conforme a organização e planejamento da criança ao desenhar como está posto no Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil-RCNEI (1998). Este documento ressalta que, por meio de linhas, traços, cores, formas, pintura e pontos, a criança pode estar colocando em evidência todos esses atributos elencados anteriormente de forma prazerosa, criativa e com facilidade, pois este tipo de arte está presente na vida da criança desde tenra idade, por meio do desenho no papel ou até mesmo ao rabiscar o chão.

Neste sentido, a Base Nacional Comum Curricular-BNCC (2017) descreve que o componente curricular arte no Ensino Fundamental deve,

[...] assegurar aos alunos o desenvolvimento das competências relacionadas à alfabetização e ao letramento, o componente Arte, ao possibilitar o acesso à leitura, à criação e à produção nas diversas linguagens artísticas, contribui para o desenvolvimento de habilidades relacionadas tanto à linguagem verbal quanto às linguagens não verbais (BRASIL, 2017, p.198).

Portanto, o ensino de artes visuais como um todo é importante para o aluno desenvolver habilidades que não fiquem restritas somente a escola, pois a arte permite um ensino amplo. E conforme o método de ensino utilizado pelo educador este pode aproximar o contato do aluno com diferentes culturas, obras de arte, músicas, danças e diversas formas de se expressar inclusive com o código escrito.

Dentre estas artes, o grafismo contribui para que o educando se expresse de maneira verbal e não verbal, nessa circunstância o professor deve ter o olhar atento, reflexivo e crítico para poder compreender o que o aluno quer comunicar por meio do desenho (HISTER, 2015).

Em consonância com esta afirmativa, Hister (2015, p.251) discorre que “pelo desenho a criança revela coisas que se passam em sua vida, coisas que ela ainda não é capaz de revelar através da fala”. Este diálogo entre aluno e professor é importante perante as produções gráficas dos alunos, haja vista que, esta interação pode favorecer uma relação mais próxima entre ambos, sendo assim, estes aspectos são importantes para uma aprendizagem ativa dos alunos que estão na fase de transição da educação infantil para o Ensino Fundamental, anos iniciais. Entretanto, observa-se que o ato de desenhar tem sido restringido a datas comemorativas ou a desenhos prontos deixando de lado a criação de desenhos pelos alunos.

Nesta perspectiva, a ação de desenhar não pode ser dotada como uma atividade somente para passar o tempo, é importante que mesmo sem a criança perceber, o professor esteja sempre atento para produções dos alunos. Como pontua Silva,

o professor, dentro da sala de aula deve saber compreender, observar e ter um olhar sobre as expressões dos desenhos realizados de seus alunos em sala. Pois não é apenas um passa tempo à criança enquanto fazer artístico é algo mais do que simples, é uma forma dela se comunicar com o mesmo, o desenho é uma linguagem, onde através dessa linguagem o professor possa perceber o que a criança transmite pelo que expressa (SILVA, 2016, p.2).

Portanto, mediante o desenvolvimento do grafismo, a criança também poderá se aperfeiçoar na escrita, pois “no desenho e na escrita são desenvolvidos aspectos mentais, cognitivos, motores e sociais, já que o indivíduo é um ser social e carrega em sua memória cenas e ações vivenciadas” (YAVORSKI; CAMPOS, 2018, p. 172). Sendo assim, a evolução tanto do desenho como também da escrita, possibilita ao indivíduo o desenvolvimento de diversos fatores que estão intrinsicamente relacionados, sendo que desta forma é possível uma aprendizagem que está para além de codificar e decodificar o código escrito.

Para Ferreira (2015), de acordo com desenvolvimento do desenho infantil, a criança evolui graficamente, pois no transcorrer da criação dos desenhos podem surgir novas criações artísticas “adquirindo maior capacidade de representar seres humanos, figuras geométricas, entre outros. Chega um momento que as letras se misturam aos desenhos da criança que elaborando diferentes representações gráficas chegam à escrita alfabética” (FERREIRA, 2015, p.8).

Sendo assim, por meio do desenho a criança pode estar expressando graficamente diferentes visões sobre o seu meio social por meio desta linguagem gráfica, sendo esta uma das formas de representação escrita que deve ser trabalhada dentro de sala de aula ou em outros espaços do ambiente escolar por possibilitar a criança proximidade com o código escrito. “O desenho e a escrita, apesar de parecerem distintas, são duas linguagens que interagem e muitas vezes se complementam” (FERREIRA, 2015, p.8). A escrita e o desenho colaboram para o

aluno expressar e entender o mundo a sua volta, são expressões gráficas que são utilizadas com frequência para interação com as demais pessoas que estão em nosso meio, são linguagens essenciais para uma vida em sociedade.

Mas, para criança perceber a importância da escrita para vida em sociedade e a diferença entre o desenho e a escrita é um longo processo. No entanto, como é descrito por Hanauer (2013) no início do processo de aquisição da escrita, esta relação entre estas duas representações gráficas ainda não é coerente, pois os desenhos e as letras ainda não têm uma coerência, são grafias desordenadas.

Mas, segundo Cavaton (2010), conforme a criança tem o controle sobre seus movimentos e passa a nomear seus desenhos ela começa a desenhar com mais precisão, esta nova fase é denominada de figuração, a criança começa a desenhar gatos, cachorros, pessoas, casa, ou seja, a criança a partir deste momento começa a representar elementos do seu dia a dia, passando a ter desta forma mais domínio sobre o código escrito. Neste sentido, ocorre a passagem do desenho representado pela imaginação para ser desenhado algo que foi visualizado pela criança.

Cavaton (2010) ainda ressalta a importância do contato da criança com o sistema da escrita desde tenra idade para o seu desenvolvimento.

A escrita é uma unidade cultural fundamental para o desenvolvimento humano. Quando a criança cresce em contextos, principalmente no meio urbano, em que as pessoas têm atos de escrita, ela desempenha o papel de escritora e leitora e usa os materiais necessários para isso. A criança lança mão também das imagens, das coisas e dos seres os quais busca representar. Assim a escrita vem ampliar a compreensão da criança sobre si mesma, os outros e o mundo (CAVATON, 2010, p. 28).

Partindo deste pressuposto, quando a criança observa ao seu redor pessoas utilizando a escrita em seu dia a dia, pode surgir apreciação e desejo de ler pela criança desde pequena, isto auxilia para o seu desenvolvimento tornando-se futura leitora devido esta aproximação com o código escrito. Sendo assim, a criança pode estar percebendo a função e a importância da escrita para sua vida, pois ao folhear livros, revistas, jornais ela está ampliando seu conhecimento sobre o mundo em que vive (CAVATON, 2010). Esta interação entre a criança, a escrita e os desenhos contidos nos materiais impressos, pode contribuir para aprendizagem e para o desenvolvimento da criança.

Os desenhos ligariam os gestos à linguagem escrita, pois tem um caráter representativo. Através dele a criança pode interagir com diferentes formas de conceber a definição de objetos sem manuseá-las. Dessa forma, observamos elaboração do pensamento abstrato que será base da aprendizagem da linguagem escrita (OLIVEIRA, 2018, p. 22).

É por meio do desenho que a criança tem também acesso a diferentes formas de representação gráfica, a construção do pensamento abstrato e posteriormente a escrita do alfabeto. Estas representações que são percebidas pela criança mediante a ação de desenhar são importantes para o reconhecimento por parte da mesma da escrita alfabética futuramente, tendo em vista que o desenho e a escrita nesta fase inicial para criança ainda não têm muita distinção, mas, no decorrer do processo de escolarização, as diferenças são percebidas pelos alunos (OLIVEIRA, 2018). Mediante a importância do ensino de arte no processo de formação da criança como foi explicitado, houve a necessidade de fazer um levantamento histórico da presença da disciplina de desenho na Educação Brasileira.

2.2 O DESENHO INFANTIL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO

Nesta seção será apresentado aspectos concernentes sobre a disciplina de desenho no decorrer da Educação Brasileira, a partir das concepções de alguns teóricos que abordam o assunto em análise, assim como, a importância do professor durante o processo de desenvolvimento gráfico pela criança e as etapas de evolução do grafismo infantil mediante as ideias de autores contemporâneos.

2.2.1 O ensino do desenho na educação brasileira

O ensino do desenho no contexto educacional brasileiro perpassou por diversas fases até se tornar de fato uma disciplina do currículo escolar. Segundo Lira (2018), o ensino do desenho teve início por volta do ano de 1800 com a inserção das aulas régias nas colônias portuguesas, logo após a expulsão dos Jesuítas. A partir deste momento, ocorreram várias reformas na educação brasileira, que colocaram o ensino do desenho como principal recurso para formação de mão de obra qualificada para as indústrias. Ao longo do período colonial a educação brasileira tinha como objetivo expandir o crescimento econômico da coroa portuguesa por intermédio da difusão das disciplinas desenho e geometria nas escolas normais e escolas técnicas (LIRA, 2018).

Machado e Flores (2011) fazem uma análise histórica de como o ensino do desenho foi visto pela sociedade no período de 1930 a 1971, em que o desenho foi uma disciplina do currículo escolar de caráter obrigatório na educação básica brasileira até 1960 período este de 30 anos. Nesta perspectiva histórica, Lira (2018) pontua que, durante estes 30 anos, a educação brasileira passou por algumas reformas educacionais, e ao que concerne o ensino do desenho, essas reformas contribuíram para que esta modalidade fosse ofertada para todos os níveis de ensino da educação básica.

[...] Reforma Francisco Campos no ano de 1931, ocorreu modificação para estrutura-se os assuntos e conteúdo no ensino das escolas na grande parte do país. Que reconheceu o desenho como ensino curricular na grade brasileira da escola básica fazendo partes o ensino secundário dividido em ciclo fundamental e ciclo complementar. No ano de 1940, entre 1942 e 1946, aconteceu a reforma educacional chamada de Reforma Capanema, um sistema educativo no período da era Vargas liberada pela então ministra da educação. Essa reforma trouxe várias modalidades sendo uma delas o desenho para o nível ginasial envolvendo o desenho decorativo, desenho natural, desenho geométrico. Essa reforma era dividida para o sistema colegial que determina a primeira e segunda séries contemplando de fato o desenho natural com as quatro modalidades. Na terceira série eram compostos pelo desenho natural projetivo e técnico (LIRA, 2018, p.6).

Com essas reformas, o ensino do desenho ganhou visibilidade no meio educacional, ocorrendo uma difusão desta disciplina no ensino secundário e comercial na maior parte do país. Assim, mediante esta ampliação do ensino, que antes era destinado somente à colônia portuguesa, a disciplina de desenho obteve novas modalidades sobretudo para o ensino ginásial, que corresponde a etapa de ensino posterior ao ensino primário que também teve novas mudanças (LIRA, 2018). Sendo assim, durante as leituras realizadas sobre a implantação do ensino do desenho na educação brasileira, o foco principal era ter pessoas qualificadas e aptas para o mercado de trabalho e mesmo diante destas mudanças as metodologias utilizadas não alteraram a forma de ensino tradicional e tecnicista desta época.

Conforme é assinalado nos PCNs (1997), a disciplina de desenho, assim como a disciplina de Trabalhos Manuais, Música e Canto Orfeônico na primeira metade do século XX, fez parte da escola primária e secundária, tendo como principal método de ensino o tradicionalismo, que visava a repetição e a memorização como forma de aprendizagem. Nesta perspectiva, o essencial era a transmissão dos padrões da cultura dominante com enfoque técnico e na imagem do professor que era detentor do conhecimento a ser transmitido. Deste modo,

[...] o ensino do desenho se distinguia e estabelecia fronteira. Para os estudantes oriundos de classes sociais mais pobres, o ensino do desenho era realizado para atender às demandas da indústria nacional, assim formavam-se os “artífices”. Nesse sentido, cabia ao professor, um artista com uma sólida formação neoclássica, assumir a dupla função de ensinar aos pobres a cópia de desenhos de ornatos e geometria com aplicação industrial e, para a burguesia, um ensino que efetivamente mostrava-se como uma educação superior, a formação do artista (LIMA; LIA, 2017, p.16).

Diante deste contexto é notório a diferença do ensino ofertado para alunos de classe econômica oposta, a classe dos burgueses era privilegiada com saberes diferentes ao comparar com alunos de outra classe, a dicotomia presente ditava os rumos dos saberes para cada classe social. Nesse viés, a concepção de ensino presente nas escolas não propiciava o aluno a ter uma aprendizagem que permitisse expor seus pensamentos, anseios, olhar e conhecer o mundo em que vive com criticidade e também conhecer outras culturas e expressões artísticas (LIMA; LIA, 2017).

Dando continuidade acerca deste contexto histórico do desenho enquanto disciplina, Machado e Flores (2011) descrevem que, a partir da década de 1960, o ensino do desenho passou a não ter mais tanta importância em virtude do surgimento de documentos norteadores para o currículo escolar da educação básica, desta forma, esta disciplina configurou-se como complementar. Ainda conforme Machado e Flores (2011), os documentos regulatórios para educação neste período, estava a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei 4.024 de

1961, esta lei estabeleceu como deveria ser o ensino de desenho no Brasil e a LDB 5.692/71 que ressaltava a importância da disciplina de Educação Artística no currículo escolar.

Mas, no ano de 1970 o ensino da disciplina de desenho passou por algumas mudanças “as aulas de Desenho e Artes Plásticas assumem concepções de caráter mais expressivo, buscando a espontaneidade e valorizando o crescimento ativo e progressivo do aluno” (BRASIL, 1997, p. 23). A partir desta modificação, é priorizado a valorização do aluno enquanto construtor da sua aprendizagem, pois o aluno passa a ser o centro do processo de ensino e aprendizagem, além do mais, é valorizado a participação do aluno tanto em sala de aula como também em suas criações.

Diante dessas mudanças, o aluno teve mais liberdade para usar sua criatividade durante as aulas de desenho, pois o ensino mecânico cedeu lugar ao ensino construtivista que deu voz ao aluno durante o ensino e aprendizagem. Esta mudança no ensino do grafismo aconteceu por meio do movimento Arte-Educação no final de 1970 e início de 1980 (BRASIL, 1997).

[...] o movimento Arte-Educação, inicialmente com a finalidade de conscientizar e organizar os profissionais, resultando na mobilização de grupos de professores de arte, tanto da educação formal como da informal. O movimento Arte-Educação permitiu que se ampliassem as discussões sobre a valorização e o aprimoramento do professor, que reconhecia o seu isolamento dentro da escola e a insuficiência de conhecimentos e competência na área. As ideias e princípios que fundamentam a Arte-Educação multiplicam-se no País por meio de encontros e eventos promovidos por universidades, associações de arte-educadores, entidades públicas e particulares, com o intuito de rever e propor novos andamentos à ação educativa em Arte (BRASIL, 1997, p.25).

Conforme as características relatadas no decorrer desta pesquisa, foram apontados como em diversos momentos da educação brasileira o ensino da arte especificamente a disciplina de desenho passou por várias adaptações até de fato ser uma disciplina obrigatória. E por meio deste movimento Arte-Educação, o ensino do desenho passou a ter outro objetivo, para isto, os professores se organizaram para dialogar sobre seus direitos, deveres e também sobre o seu posicionamento dentro da sala de aula, propuseram buscar aprendizagem continuada em virtude da carência de conhecimento sobre determinados conteúdos na área, e com isto passou a se valorizar ainda mais e ter um novo olhar sobre a arte no meio educacional, enfim, este movimento trouxe várias contribuições visando uma educação mais inclusiva e de qualidade (BRASIL, 1997).

Como salienta, La Pastina (2009) com o advento da Escola Nova, as formas de se expressar por meio do grafismo foram modificadas, dando lugar a Pedagogia Nova, que almeja um ensino inovador e impulsiona o aluno a pensar com criticidade, a se expressar de forma mais autêntica, “era o momento da livre expressão, de romper com os padrões acadêmicos e da rigidez da cópia de desenhos propostos por professores” (LA PASTINA, 2009, p.106). Neste

contexto, Pillar (1996) ratifica que as atividades de grafismo espontâneo surgiram a partir deste momento, logo assim, a criança passou a ser autora do seu próprio desenho, a mesma pode está desenhando aspectos que são reais e concretos do seu convívio social ou algo da sua própria imaginação, este é um processo de mediação entre o imaginário e o objeto, isto contribui para que o ato de desenhar não seja somente copia de um outro desenho, porém, que seja algo espontâneo e fruto da imaginação da criança. Na educação básica, atualmente o ensino da arte é um componente curricular obrigatório posto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) em seu capítulo 2º nos seguintes incisos, “§ 2º, O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica. § 6º, As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular [...]” (BRASIL, 1996, p.19-20).

Com base nesta Lei é assegurando pelo Estado o ensino da arte na educação infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. É de suma importância a implementação de aspectos regionais e também locais do cotidiano do aluno nas aulas. Além da lei, a BNCC (2017) é também um dos documentos norteadores para educação brasileira atualmente, com competências e objetivos a serem alcançados no ambiente escolar. Para o Ensino Fundamental anos iniciais e anos finais, a BNCC (2017) apresenta que as contribuições acerca desta disciplina estão atreladas à interação com criticidade entre os alunos diante das complexidades do mundo ao seu redor, como também estabelece o respeito às diferenças culturais, pluriétnico e plurilíngue, além da troca de conhecimento entre os indivíduos no processo de ensino. Ainda conforme a BNCC, o ensino de arte para o Ensino Fundamental é centrado nas seguintes linguagens,

[...] Artes visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte (BRASIL, 2017, p. 193).

Diante destas mudanças no ensino de arte para educação básica, é notório que o educando pode usufruir de um novo ensino que neste sentido contribui para o desenvolvimento integral e a partilha de conhecimento mediante diferentes linguagens dentro da sala de aula como no universo social do aluno. Sob esta perspectiva, para a primeira modalidade de ensino, ou seja, Ensino Fundamental anos iniciais,

[...] Arte deve assegurar aos alunos a possibilidade de se expressar criativamente em seu fazer investigativo, por meio da ludicidade, propiciando uma experiência de continuidade em relação à Educação Infantil. Dessa maneira, é importante que, nas quatro linguagens da Arte – integradas pelas seis dimensões do conhecimento artístico

–, as experiências e vivências artísticas estejam centradas nos interesses das crianças e nas culturas infantis (BRASIL, 2017, P. 198).

Conforme a citação descrita anteriormente, é enaltecido que o ensino de arte nesta primeira etapa do Ensino Fundamental deve ser resgatado pelo educador aspectos concernentes à educação infantil, pois é de suma importância a ligação destas duas modalidades de ensino em virtude do período de transição de uma fase para outra. Diante do exposto sobre o ensino da arte, a disciplina de desenho na BNCC (2017) não é mencionada, pois esta não é mais um componente curricular de caráter obrigatório, porém é importante que o professor em sua prática pedagógica faça a inserção desta atividade em suas aulas por meio das linguagens citada anteriormente especificamente na linguagem de artes visuais.

2.2.2 O olhar do professor sobre o desenho infantil

O ambiente escolar é constituído por diferentes sujeitos, entre eles está o professor e o aluno, que em meio as interações buscam criar, expor opiniões, partilhar conhecimento, tendo como objetivo principal a aprendizagem para todos os envolvidos neste processo de ensino. Neste sentido, é de suma importância o papel do professor como mediador do conhecimento, mas para que isto aconteça, “o professor deve provocar a atitude criadora do aluno, ser fomentador do pensamento, da sensibilidade, do questionamento, da construção de novas ideias, desafiando-o e provocando situações de criação” (FERREIRA, 2015, p.19). Nesta perspectiva, o professor mostra meios para o aluno colocar suas ideias em evidência, instigando os alunos a serem participativos nas aulas, sendo assim um aluno ativo durante sua aprendizagem, mas isto se dá em virtude do professor que incita seu aluno a sair da passividade na sala de aula.

Entretanto, como salienta Carvalho (2015) o ensino de arte em algumas escolas brasileira é interpretado de forma equivocada e sem importância para formação do aluno, haja vista, que as disciplinas de Português e Matemática são mais valorizadas e conseqüentemente mais trabalhadas pelo professor dentro de sala de aula.

O que se vê hoje em dia em muitas escolas, é um ensino de Arte muito mecânico, sem emoção e significado para o aluno, com modelos estereotipados, servindo muitas vezes como passatempo. As aulas são dadas muitas vezes sem planejamento e simplesmente para cumprimento de uma exigência curricular. Com isso os alunos perdem o interesse e não veem importância nesta atividade, pois os mesmos não se identificam com os trabalhos que realizam (CARVALHO, 2015, p.11).

Para mudar este contexto, o papel do professor diante do ensino de arte é primordial, pois cabe a ele primeiramente “conhecer a História da Arte para poder escolher o que ensinar,

com o objetivo de que os alunos compreendam que os trabalhos de arte não existem isoladamente, mas relacionam-se com as ideias e tendências de uma determinada época e localidade” (BRASIL, 1997, p. 72). Nesta direção, pode ser desencadeado uma nova perspectiva para trabalhar a arte e suas diferentes linguagens em sala de aula, tendo em vista, que quando o educador passa a ter conhecimento sobre o que ensinar o processo de ensino aprendizagem torna-se mais dinâmico, a troca de conhecimento entre professor e aluno é mútua e todos podem aprender. Ainda conforme Carvalho (2015) o professor que ministra o ensino de arte deve ser um profissional aberto para o diálogo e está em busca de novos conhecimentos.

Acima de tudo o professor deve ser capacitado e comprometido com o ensino de Arte como área do conhecimento. É necessário vivenciar experiências artísticas e ter consciência de que cada aluno é único e se expressa de maneira própria. Além disso precisa possibilitar a criança conhecer sua história e a história da Arte, pois a Arte é fundamental para a formação completa do indivíduo. O professor deve inserir o aluno como ser ativo no processo cultural de sua época (CARVALHO, 2015, p. 15).

A formação docente é essencial para prática educativa, assim como, perceber as peculiaridades de cada aluno dentro da sala de aula para posteriormente traçar metas e objetivos a serem alcançados, mas é importante valorizar a criação livre da criança que em algumas situações é deixada de lado para ser posto em evidência desenhos produzidos a partir do direcionamento do professor. Além disso, dentro do ambiente escolar é de suma importância que o professor seja também pesquisador e está sempre em busca de realizar formação continuada.

O professor na sala de aula é primeiramente um observador de questões como: o que os alunos querem aprender, quais as suas solicitações, que materiais escolhem preferencialmente, que conhecimento têm de arte, que diferenças de níveis expressivos existem, quais os mais e os menos interessados, os que gostam de trabalhar sozinhos e em grupo, e assim por diante. A partir da observação constante e sistemática desse conjunto de variáveis e tendências de uma classe, o professor pode tornar-se um criador de situações de aprendizagem. A prática de aula é resultante da combinação de vários papéis que o professor pode desempenhar antes, durante e depois de cada aula (BRASIL, 1997, p. 72).

Diante desta citação, fica explícito que o educador quando trabalha com o componente curricular arte, assim como educadores que ministram outras disciplinas devem ser um profissional observador, antes, durante e depois da aula, isto contribui para repensar sua prática, conhecer características inerentes de seus alunos, perceber pontos positivos e negativos para posteriormente elaborar seu planejamento didático a partir de suas observações.

Como está posto no PCNs (1997), o professor de arte dentro de sala de aula deve acima de tudo criar um clima que desperte a atenção do aluno e a concentração, de forma que a alegria não se perca no decorrer da aula. Assevera ainda que, conforme o professor ministra suas aulas esta pode causar no aluno inibição ou desenvolver um bom relacionamento entre aluno e

professor, dependendo das metodologias utilizadas. “O educador deve sempre renovar suas práticas educativas, usando métodos de ensino diversificados, ser flexível às mudanças, pois sempre vai encontrar crianças que não vão se adaptar com certa atividade e há momentos em que a mudança é essencial” (FERREIRA, 2015, p. 23). Aulas cansativas, mecânica e repetitiva, podem deixar o aluno desestimulado sem interesse em participar da aula, é necessário diversificar as metodologias durante o processo de ensino.

Ferreira (2015) discorre ainda que o educador deve estar sempre atento para os tipos de arte que são produzidos pela criança. As primeiras produções gráficas não são simplesmente rabiscos sem importância e principalmente sem significados, cada grafismo criado tem sempre um objetivo a ser transmitido. Neste sentido, o olhar do professor diante da expressão gráfica da criança deve transmitir confiança, atenção, ser observador, ter sutileza. Pois, quando o educador age desta forma, o elo de ligação entre professor e aluno pode ser aflorado, isto, contribui para valorizar o grafismo infantil e desta forma a criança sinta-se valorizada e compreendida com suas atividades de desenho (BEZERRA, 2016).

Mesmo diante destas contribuições é importante elencar que esta relação dialógica entre professor e aluno segundo as concepções de Galvão e Barros (2018) pode contribuir para a identificação de algumas dificuldades que possa vir a surgir dentro da sala de aula, assim como desenvolver estratégias futuramente por meio de atividade espontânea ou direcionada em busca de solucionar determinados problemas. Sob esta perspectiva é afirmado pelas teóricas que quando o professor se mostra atento para o desenho da criança, posteriormente em sua prática educativa esta atividade pedagógica lhe auxilia a entender e compreender certos pensamentos da criança que em algumas situações ainda não encontrou outra forma para se expressar na escola de forma gráfica, seja com os colegas da classe ou até mesmo com o professor.

Mas, infelizmente ainda existe, como assevera Machado (2008), professores que desconhecem a importância do grafismo para o desenvolvimento intelectual da criança, logo assim, deixa a atividade de desenho somente para o final da aula sendo esta uma das formas de entreter o aluno, ocasionando desta maneira atividade sem intencionalidade. Desta forma, o aluno fica prejudicado durante o processo de ensino, pois o professor pode não está dando a devida importância para este recurso pedagógico. Assim, como foi elencado ao longo deste trabalho, as atividades de desenho são importantes durante o processo de ensino, desde que seja realizada com intencionalidade.

Para tanto, é necessário que o professor quando trabalha em sala de aula com desenho tenha em mente a importância desta atividade para criança e suas contribuições para uma aprendizagem significativa que perpassa a sala de aula e faça sentido em sua vida social. Outra

prática que não pode ser utilizada pelo educador dentro da sala de aula durante as atividades com desenho é a correção dos desenhos.

[...] reformular o desenho da criança corrigindo seus traçados e formas para ficar mais apresentável, pois desta maneira deixa de ser uma produção individual, inata e única da criança para ser algo reinventado sem autonomia, o professor ainda deve evitar críticas e comparações com outros desenhos de crianças da mesma sala de aula [...] (BEZERRA, 2016, p. 7-8).

Vale salientar que quando esta ação gráfica é entendida desta forma pelo educador, certamente o desenho produzido no âmbito escolar será fragmentado, em virtude dessa metodologia colocada em prática pelo docente que não contribui para uma aprendizagem significativa do educando. Dessa maneira, o aluno se sente incapaz de realizar determinado desenho, por causa da interferência do professor que age de forma controladora. Sendo assim, é relevante destacar que o educador deve direcionar a atividade, mas não pode controlar o aluno no momento de produção, pois o mesmo deve deixar o educando ter liberdade durante sua atividade para que a mesma não se torne enfadonha, mecanizada e desinteressante.

Silva (1999) discorre que o professor deve ser um questionador, ou seja, o inverso do docente citado anteriormente. “Este por sua vez, permite e incentiva perguntas e reflexões por parte dos alunos. [...] estando consciente de suas interferências, o professor procura apresentar pistas para que o aluno possa caminhar de acordo com suas próprias escolhas e possibilidades” (SILVA, 1999, p. 74). Como menciona Silva, o educador deve conduzir e mediar o processo de ensino junto com educando, colocando em evidência que o aluno é capaz de produzir seu desenho de acordo com sua evolução gráfica, de forma que o mesmo seja ativo durante as aulas.

Nessas circunstâncias, mesmo a criança tendo toda a percepção sobre o que desenhar é importante que o professor não fique ausente durante o processo de criação pela criança, mas sim estimular o aluno. Neste sentido, é de extrema importância a experiência e a percepção do aluno em relação ao desenho.

Levar em conta as experiências e a maneira como as crianças percebem os objetos e desenham é muito importante pois, ao criar e recriar ali no papel, elas estão passando uma leitura de mundo que só será percebida se os professores se detiverem em acompanhar e incentivar os alunos nessa tarefa tão prazerosa que é desenhar (MACHADO, 2008, p.18 - 19).

Portanto, é mediante estas contribuições oriundas do desenho que o professor como mediador do conhecimento não deve se deter somente a um único tipo de atividade que diz respeito a forma de desenhar pela criança, pois as diferentes situações de desenho se complementam e auxiliam para o desenvolvimento de criação, leitura e releitura pela criança do mundo que a cerca. A vista disto, é importante que seja feita a organização do ambiente da

sala de aula e dos recursos a serem utilizados pela criança durante a atividade de grafismo Galvão e Barros (2018).

[...] o docente tem a responsabilidade de criar um ambiente especial para essa finalidade, porquanto isto implicará um adulto seguro de suas atitudes e uma criança mais criativa. [...]. Isto posto, é necessário transformar este local num ambiente caloroso, agradável, acolhedor e estimulante, para que os alunos se ajustem ao espaço escolar e possam trocar experiências sociais e educativas, que estimulem sua livre expressão. (GALVÃO; BARROS, 2018, p. 72).

Convém mencionar, que o ambiente escolar organizado desta forma pode refletir na formação do aluno, para isto, cabe ao professor a adequação deste espaço de forma que transmita a criança a sensação de bem-estar, para que a mesma sinta prazer e seja estimulada a produzir de forma livre, mas esta deve ser uma atividade organizada e planejada. Nesse sentido, para obter resultados significativos com esta atividade de desenho “depende da forma que o professor desenvolve este tema em suas aulas, quais as metodologias utilizadas e como ele avalia os resultados” (SILVA, H., 2011, p. 05). Além disso, Galvão e Barros (2018) pontuam a importância do professor conhecer as fases dos desenhos.

O educador deve conhecer as fases dos desenhos e sua importância para incitar o aprendizado dos alunos, com esse ato favorecerá o desenvolvimento integral. Quando o professor não tem o conhecimento sobre as fases do desenho, ele poderá ter atitudes inapropriadas ao desenvolvimento saudável dos menores, como, por exemplo, repreender ou desmerecer as crianças quando estão praticando, riscando seu corpo, paredes, papéis e móveis e tudo que acarretem expressão negativa (GALVÃO; BARROS, 2018, p. 71-72).

Conforme os apontamentos dos teóricos citados anteriormente, saber quais são as fases de evolução do desenho é importante para a prática do professor, pois com este conhecimento e com o olhar atento para o desenvolvimento gráfico do aluno é possível tomar atitudes importantes para serem colocadas em prática na aula, assim como, deter comentários errôneos a respeito do ritmo e desenvolvimento da criança. Ademais, Galvão e Barros (2018, p.22) discorrem que o professor “programe suas atividades de acordo com o tempo disponível, cada criança possui uma personalidade, assim cada um aprende no seu tempo certo, uns têm mais facilidade e desenvoltura para fazer as atividades outros são mais lentos, precisam de tempo mais prolongado”. Em conformidade com os autores, é importante que o professor tenha este olhar diferenciado dentro da sala de aula de forma que perceba a heterogeneidade presente em sua sala, a maneira que assimilam determinado assunto, a especificidade de cada aluno, pois cada um tem seu tempo para aprender e mesmo assim cada um aprende de forma única.

2.2.3 Etapas de evolução do desenho

Assim como o processo de desenvolvimento humano passa por várias fases com a evolução do desenho infantil não é diferente, pois é mediante diferentes etapas que ocorrem avanços da criança no momento de criação dos desenhos podendo variar de criança para criança (PASSARINHA, 2012). Nesta perspectiva, para criança chegar a um estágio mais elevado e realizar inter-relações, do desenho com objeto, ter clareza e objetividade em seus desenhos, o desenvolvimento gráfico perpassa por alguns estágios. A seguir será descrito os cinco estágios de evolução do desenho segundo as concepções de George Henri Luquet (1969 apud Pereira, 2016); Vicktor Lowenfeld (1977 apud Pereira, 2016); Levy Vygotsky (1948 apud Pereira, 2016); Jean Piaget (1976 apud Pereira, 2016). É importante destacar, que para cada estágio de evolução do grafismo os autores elencam nomenclaturas diferentes para designar as fases do desenho, no entanto, as características se assemelham no decorrer de cada etapa.

O primeiro estágio de evolução do grafismo é composto por uma etapa com nomes distintos, mas com características em comum segundo conforme pontuado pelos autores citados anteriormente. Neste estágio o grafismo ainda não é representado como em sua realidade, mas conforme a criança evolui tende a desenhar elementos que conhece e ver. Sendo assim, a ascensão do desenho é uma característica peculiar de cada criança, as influências do meio social que a criança está inserida e a própria evolução da criança contribuem para o aperfeiçoamento dos desenhos que passam a ter mais clareza e conseqüentemente mais intencionalidade (Luquet 1969 apud Pereira, 2016). Segundo as ideias de Vygotsky (1948 apud PEREIRA 2016, p 18),

o desenvolvimento do desenho tem como base o domínio do ato motor e a fala. Inicialmente a criança gesticula e o lápis registra esse mesmo gesto num papel. Assim, a criança entende que pode desenhar um objeto. Relativamente à fala, inicialmente a criança necessita de ver o desenho antes de o identificar, contudo, à medida que vai crescendo, a criança vai verbalizar o objeto que pretende desenhar (VYGOTSKY 1948 apud PEREIRA, 2016, p.18).

Uma outra característica deste estágio é que não existe relação da idade da criança com a evolução do desenho, os primeiros desenhos também são involuntários e acontece mediante o desenvolvimento da fala, pois a criança percebe que pode escrever o que fala, mas no início o desenho ainda não tem relação com o objeto real.

Quadro 1- Primeiro estágio de evolução do grafismo infantil

Autores	Etapas de evolução do grafismo	Características
George Henri Luquet	Realismo Fortuito	Tem início aos dois ou três anos de idade. Os primeiros desenhos são involuntários e voluntários. Sobre este primeiro, a representação dos traços não tem intencionalidade. Em relação ao desenho voluntário, a criança começa a fazer a representação do meio social, pois, o desenho é intencional, os traços são repetitivos e apresenta relação entre gestos e traços.

Vicktor Lowenfeld	Rabiscção Desordenada ou Garatuja	Compreende a idade de um ano e meio a quatro anos, os traços são desordenados, e em várias direções, o prazer acontece por meio dos movimentos repetitivos. A criança faz nomeação dos desenhos de forma imaginária.
Levy Vygotsky	Simbólico	Os desenhos não condizem com a realidade do objeto, são desenhos da memória.
Jean Piaget	Garatuja	Fase sensório motor com idade de zero a dois anos, nesta fase está presente as garatuja desordenadas, com traços desordenados e amplos. Fase pré-operacional de dois a sete anos de idade, garatuja ordenada, traços longitudinais e circulares, não existe relação do objeto com a realidade.

Fonte: (NOVAES, 2020).

Ao que concerne o segundo estágio, este também é composto por uma etapa com nomenclaturas diferentes, a principal característica é a relação entre desenho, pensamento e realidade. Neste estágio os desenhos se tornam mais reconhecíveis, no entanto, a criança ainda não consegue estabelecer uma relação entre cor e objeto (SOUZA, 2010). A criança nesta fase da maior ênfase a representação do ser humano com desenhos mais detalhados, no entanto, a pintura dos desenhos ainda está de acordo com a primeira fase, as pinturas permanecem rabiscadas (LOWENFELD 1977 apud SOUZA, 2010).

Conforme é dialogado pelos teóricos supracitados, a evolução do desenho não acontece de forma ampla, pois diante das ideias destes autores, a evolução gráfica acontece de forma gradativa, a criança começa a se desenvolver em alguns aspectos gráficos primeiramente e posteriormente em outros como é o caso do desenho juntamente com a pintura e as cores. Uma outra característica presente neste segundo estágio, diz respeito à expressão gráfica, esta apresenta mais a realidade do objeto observado, entretanto, o grafismo produzido ainda não é totalmente desenhado conforme a realidade, a criança passa a fazer conexões entre o objeto representado em sua totalidade e nas partes individuais (VYGOTSKY 1948 apud ALEXANDROFF, 2010).

Quadro 2- Segundo estágio de evolução do grafismo infantil

Autores	Etapa de evolução do grafismo	Características
George Henri Luquet	Realismo Fracassado	Compreende a idade de três a quatro anos, a criança estabelece relação entre forma e objeto, os desenhos são feitos com exagero ou omissão de certos detalhes. Surge algumas dificuldades físicas como a coordenação motora.
Vicktor Lowenfeld	Início da Figuração	Compreende a idade de quatro a sete anos, a criança neste estágio faz relação entre desenho, pensamento e realidade, mas ainda não existe relação do objeto com a cor, dá ênfase na figura humana e os desenhos são mais detalhados.
Levy Vygotsky	Simbólica Formalista	Surgimento da relação entre objeto e realidade, os desenhos são mais elaborados e representado em sua totalidade.

Jean Piaget	Pré-Esquematismo	Compreende a fase do desenvolvimento Pré-operatório, correspondente a idade de dois a sete anos, é a descoberta entre desenho, pensamento e realidade, mas ainda não existe relação entre grafismo e cor, a escolha da cor é movida pela emoção e não pela realidade do objeto a ser representado.
--------------------	------------------	--

Fonte: (NOVAES, 2020).

O quadro abaixo apresenta de forma resumida algumas características do terceiro estágio do grafismo, o mesmo é composto por uma etapa, assim como nos estágios anteriores as nomenclaturas são distintas. Sendo assim, ao longo deste estágio a criança externa em seus desenhos elementos do seu meio social, como também objetos reais e concretos. (PEREIRA, 2016). “Neste estágio surgem duas grandes conquistas: o uso da linha de base e a descoberta da relação cor objeto. É importante destacar que a criança já tem um conceito definido quanto à figura humana, no entanto podem surgir desvios de esquema, tais como: exagero, negligência, omissão ou mudança de símbolo” (PIAGET 1976 apud COSTA, 2017, p.13).

Quadro 3- Terceiro estágio de evolução do grafismo infantil

Autores	Etapas de evolução do grafismo	Características
George Henri Luquet	Realismo Intelectual	Estende-se dos dez aos doze anos, a criança desenha o que sabe. Nesta etapa está presente a descontinuidade, rebatimento, transparência, e planificação nos desenhos.
Vicktor Lowenfeld	Figuração Esquemática	Compreende a idade de sete a dez anos, os desenhos tem influências do meio sociocultural da criança, existe uma tentativa maior de expressar o pensamento sobre o mundo, a criança começa a desenhar as figuras geométricas, surge o conceito de espaço e a relação das cores com o objeto real é estabelecida.
Levy Vygotsky	Formalista Veraz	Simbolismo não está mais presente, os desenhos são mais parecidos com o objeto real e observado pela criança.
Jean Piaget	Esquematismo	Fase operatória concreta com idade de sete a dez anos, mas pode variar chegando a nove anos de idade. Nesta etapa surgem duas grandes conquistas: o uso da linha de base e a descoberta da relação cor objeto. A criança tem um conceito definido quanto à figura humana.

Fonte: (NOVAES, 2020).

O quarto estágio é constituído por uma etapa também, no decorrer desta etapa os desenhos são mais elaborados, cheios de detalhes e realista, os traços perpassam o ato criador inacabado em si para dá lugar a uma atividade mais criativa, a criança tem o hábito de desenhar tudo o que está ao seu redor. Mas, é neste mesmo estágio que as produções gráficas acabam sendo estagnadas, pois a criança pode deixar de sentir prazer ao desenhar e acaba não praticando mais o grafismo com frequência (ALEXANDROFF, 2010).

Em alguns casos, observa-se que a partir deste estágio a criança com idade mais avançada não sente mais tanto prazer em desenhar, sobretudo a criança e adolescente do Ensino Fundamental anos finais e ensino médio. Em virtude desta mudança, os desenhos prontos e estereotipados são mais utilizados, o que consequentemente pode ocasionar isolamento no ato criador da criança e do adolescente (ALEXANDROFF, 2010).

Quadro 4- quarto estágio de evolução do grafismo infantil

Autores	Etapas de evolução do grafismo	Características
George Henri Luquet	Realismo Visual	Começa aos doze anos de idade, está presente o empobrecimento do grafismo, os desenhos são feitos só de objetos visíveis e a origem da perspectiva.
Vicktor Lowenfeld	Figuração Realista	Tem início a partir dos dez anos de idade, a criança é detalhista e tem o hábito de desenhar tudo o que vê, é importante que os adultos valorizem as expressões artísticas das crianças que são mais afloradas devido a fantasia neste estágio.
Levy Vygotsky	Formalista Plástica	Os traços são realistas, as atividades são mais elaboradas e com detalhes. Existe diminuição entre os sujeitos que desenhavam, somente quem sente prazer continua desenhando, o grafismo é um ato criador.
Jean Piaget	Realismo	Início no final da fase da operação concreta, a criança tem consciência do sexo, expressa em seus desenhos características acentuadas para meninos e meninas. O espaço da folha não é mais utilizado de forma limitada, os desenhos passam a serem feitos sem a linha de base e são representados como na realidade.

Fonte: (NOVAES, 2020).

Por fim, o quinto e último estágio de evolução do grafismo segundo a concepção de Jean Piaget (1976 apud Pereira, 2016) é constituído somente por uma etapa assim como nos demais estágios analisados nesta pesquisa, este último estágio é denominado de Pseudo Naturalismo. As principais características que compõem esta etapa é a intencionalidade e o realismo, assim como, as características do autor do grafismo.

[...] fim da arte como atividade espontânea e muitos desistem de desenhar nesta etapa do desenvolvimento. Inicia a investigação de sua própria personalidade, transferindo para o papel suas inquietações e angústias, característica do início da adolescência. Nos desenhos aparecem muito o realismo, a objetividade, a profundidade, o espaço subjetivo e o uso consciente da cor (PIAGET 1976 apud COSTA, 2017, p. 14).

Neste último estágio, os desenhos apresentam mais detalhes, pois o educando tem mais consciência e conhecimento acerca do desenho representado, mas, é nesta etapa que a criança ou o adolescente passa a não querer mais desenhar (PIAGET 1976 apud COSTA, 2017).

Quadro 5- Quinto estágio de evolução do grafismo infantil

Autor	Etapa de evolução do Grafismo	Características
Jean Piaget	Pseudo Naturalismo	Faz parte da fase das operações abstratas, compreende a idade de dez anos em diante, desenhos realistas e intencionais, apresentam característica do próprio autor, sentimentos, anseios, problemas sociais e pessoais, ocorre a desistência no ato de criação pela criança e adolescente.

Fonte: (NOVAES, 2020).

Os estágios de evolução do desenho infantil conforme os apontamentos dos autores supracitados, são vários e no decorrer deste processo “não é o desenho que se desenvolve, mas sim a criança” (PEREIRA, 2016, p. 13). Pereira (2016) acrescenta ainda que é mediante o desenvolvimento físico, intelectual e emocional que a criança ao longo de sua vida vai expressar graficamente mais realismo em seus desenhos.

O desenho evolui consoante o ambiente em que a criança está inserida. Apesar de todas as crianças passarem pelas diversas etapas do desenho, a sua evolução varia de criança para criança, quer ao nível do aparecimento, da própria evolução e clareza. Pode dizer-se que o desenho evolui consoante o crescimento da criança respeitante ao seu desenvolvimento (PASSARINHA, 2012, p.17).

Para tanto, com estes estágios de evolução gráfica sobre as concepções de vários autores, é apresentado aspectos em comum e distintos entre as etapas de desenvolvimento do grafismo. Sendo assim, no decorrer de cada etapa existe progresso pela criança sobre determinado fator, ou seja, com estes estágios é descrito que a evolução não acontece da mesma forma para cada criança, cada uma evolui de acordo com suas especificidades é um processo flexível que pode variar no decorrer de sua execução.

2.3 EXPERIÊNCIA COM GRAFISMO INFANTIL NA SALA DE AULA

Nesta seção serão apresentados os dados coletados na pesquisa de campo a partir da análise dos desenhos desenvolvidos com os alunos da turma do segundo ano, anos iniciais do Ensino Fundamental, em que foi desenvolvida uma experiência com desenho espontâneo e direcionado, cujo intuito foi identificar a relação do grafismo com a escrita. Será apresentado também, análise dos questionários aplicado aos professores da Associação Pestalozzi com o objetivo de identificar a percepção destes profissionais sobre a importância do desenho infantil para o processo de ensino.

2.3.1 Caracterização dos componentes da pesquisa

A Associação Pestalozzi de Codó-MA conhecida na cidade por Escola Lalá Ramos foi fundada em 22 de maio de 1978 por Terezinha Alvim. Ela tem como principal objetivo a inclusão de pessoas com deficiência no âmbito educacional, esta instituição de ensino no ano de 2019 atendia cerca de 203 alunos entre crianças e adolescentes com deficiência auditiva, visual e mental nos turnos matutino e vespertino. A escola tem uma estrutura que atende parcialmente os alunos com deficiência, possuindo 53 funcionários que exercem diversas atividades na escola, como professora de libras, professores de braile, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, técnico enfermagem, instrutor de informática, vigilantes, professores de educação física, auxiliares de serviços gerais, professores de primeiro ao quinto ano, gestora, secretária⁴.

A instituição realizou no ano de 2019, assim como no decorrer de toda sua trajetória, importante trabalho de inclusão no município de Codó-MA com palestras que integram família e escola, caminhadas pelas principais ruas da cidade em prol da inclusão, além da elaboração e aplicação de projetos de incentivo à leitura que proporcionaram a participação dos pais e responsáveis a participarem das atividades na escola. Ademais, há o incentivo ao esporte, alguns alunos já foram premiados e dois competiram nas Paraolimpíadas em 2019. No quesito dos desafios, ainda se esbarra no preconceito, a escola realiza um trabalho de inclusão, mas ao encaminhar os alunos para o ensino regular algumas famílias não recebem o apoio necessário para incluir o estudante e muitos dos alunos pedem para voltar para Pestalozzi⁵.

Outro desafio tem sido a questão de recursos financeiros, pois a escola é uma instituição filantrópica que se mantém por parcerias e doações. Vale ressaltar, que esta é a única instituição de ensino no município com profissionais especializados, com professores de libras, braile atendimento de fonoaudiólogo, etc., que trabalham em conjunto para realizar a inclusão dos alunos com deficiência mesmo tendo como direito assegurado por lei o atendimento de pessoas com deficiência no sistema regular de ensino.

Neste contexto, podemos destacar duas leis que asseguram o direito da pessoa com deficiência no sistema regular de ensino, dentre elas está a Constituição Federal Brasileira de 1988 que no seu artigo 208 inciso III afirma que o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. Deste mesmo modo, a

⁴ Informações coletadas pelas bolsistas do projeto “ Alfabetização e Letramento na Educação Especial” com a gestora da instituição no dia 8 de novembro de 2019.

⁵ Informações coletadas pelas bolsistas do projeto com a gestora da instituição no dia 8 de novembro de 2019.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) em seu artigo 59 ressalta que “Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” é especificado no inciso III que “professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns”.

Mediante estas leis é posto que a pessoa com deficiência tem direito para estudar em escolas do ensino regular com professores especializados de forma que inclusão nas classes comuns sejam na prática exercida. Entretanto, como já pontuado dentre os desafios da escola, apenas vinte alunos estavam matriculados em escolas regulares do município em 2019. Alguns dos alunos encaminhados para o ensino regular, continuam participando das atividades na Pestalozzi no contra turno.

A Associação Pestalozzi possui sete salas de aula, sendo cinco turmas do primeiro ano, uma turma do segundo ano e uma para o terceiro ano do Ensino Fundamental no turno matutino. O corpo docente da escola é composto por 12 professores no turno matutino, sendo duas professoras do Horário Pedagógico (HP)⁶, uma professora de Educação Física, os demais que são nove lecionam nas turmas do primeiro ao terceiro ano. Vale ressaltar, que os participantes desta pesquisa foram oito professoras e um professor, nove docentes no total do turno matutino, que atuam do primeiro ao terceiro ano do Ensino Fundamental na Escola Lalá Ramos. Pode-se observar como indicado no quadro 6 que a maioria dos docentes atuam há mais de dez anos na escola. Em relação à formação acadêmica apenas dois professores não são licenciados em Pedagogia, considerando que um docente possui apenas o magistério.

Quadro 6- Identificação do docente

Nome	Formação Acadêmica	Tempo de Docência	Turma de atuação	Turno	Quantidade de alunos
P-1	Licenciatura em Pedagogia	10 anos	1º Ano A	Matutino	17 alunos
P-2	Geografia	30 anos	1º Ano A	Matutino	17 alunos
P-3	Licenciatura em Pedagogia e Biologia	37 anos	1º Ano B	Matutino	14 alunos
P-4	Licenciatura em Pedagogia	10 anos	1º Ano C	Matutino	16 alunos
P-5	Licenciatura em Pedagogia	27 anos	1º Ano C	Matutino/Vespertino	16 alunos
P-6	Licenciatura Em Pedagogia	8 anos	1º Ano D	Matutino	16 alunos

⁶ O docente do horário pedagógico é conhecido no município de Codó-MA, por professores (HP), que ministram as disciplinas de Geografia e História.

P-7	Licenciatura em Pedagogia com pós-graduação em Psicopedagogia	20 anos	2º Ano	Matutino/ Vespertino	10 alunos
P-8	Licenciatura em Matemática com pós-graduação em educação Básica	25 anos	3º Ano	Matutino/ Vespertino	22 alunos
P-9	Magistério	13 anos	1º ao 3º Ano	Matutino	Acompanha as turmas, 1º B, 1ºC, 1ºE, 3º ano

Fonte: (NOVAES, 2020).

Como se observa no quadro acima, as turmas da escola possuem uma média de 15 a 20 alunos, com exceção da turma do segundo ano, que possui 10 alunos. As turmas são organizadas por idade. A pesquisa aconteceu na turma do 2º ano a partir das atividades realizadas pelo Projeto de extensão “Alfabetização e Letramento na Educação Especial⁷” que tem como uma das suas ações a contação de histórias para os alunos da Pestalozzi. A extensão universitária para alunos no curso de formação para professores contribui de forma significativa para conhecer a realidade educacional, “a extensão assume o papel de conectora entre o ensino e a pesquisa, não como mensageira da academia para a sociedade, mas como uma ação mobilizadora dos mecanismos de construção dos saberes da docência” (FERREIRA; ROSA, 2011, p. 7).

Neste contexto, participar deste projeto de extensão contribuiu para formação pessoal e profissional, pois na troca de experiência entre bolsistas, professores e alunos, construímos uma interação que oportuniza a pesquisa em busca de adquirir conhecimento para ser posto em prática na sala de aula e para traçar metas com intuito de alcançar os objetivos propostos durante o projeto. Além destas contribuições que a extensão universitária pode proporcionar ao extencionista, Ferreira e Rosa (2011), pontuam que,

É a partir da construção da relação de sentido buscada pelos professores em formação que são criadas as experiências inovadoras, uma vez que ao mobilizar conhecimentos para atender a demanda da escola, ocorre uma relação de caráter investigativo, propulsora de transformações tanto nas práticas quanto no espaço escolar como um todo. Assim, concebe-se que o desenvolvimento da extensão como elemento curricular na formação de professores contribui não só para a inovação na perspectiva metodológica, mas também para um desenvolvimento curricular inovador (FERREIRA; ROSA, 2011, p. 6-7).

⁷Este projeto acontece nesta instituição de ensino desde 2011, tendo como principal atividade a contação de história, com o objetivo de incentivar o gosto e o hábito pela leitura. Em relação ao tempo que estive como bolsista, a metodologia do projeto acontecia da seguinte forma, reuniões uma vez por semana com as bolsistas e a coordenadora do projeto, encontro semanal das bolsistas para planejamento das atividades de contação de história e aula para turma do segundo ano.

A relação entre a tríade ensino, pesquisa e extensão para os cursos de formação para professores, permiti ao graduando vivenciar momentos que estão para além da dicotomia estabelecida entre teoria e prática, estimulando o discente a refletir e a pesquisar novas metodologias para serem inseridas dentro da sala de aula. Nesta perspectiva, a escolha pela turma pesquisada, se deu por intermédio do projeto de extensão citado anteriormente a qual estive como bolsista por dois anos e realizei um trabalho mais específico de leitura e escrita com esta turma. As atividades que foram realizadas nesta turma começaram no mês de agosto de 2019 com término em dezembro deste mesmo ano, estas atividades eram desenvolvidas uma vez por semana, sempre na sexta-feira, no horário de 7:15 às 11:20.

A princípio as atividades do projeto eram voltadas especialmente para a contação de história, posteriormente foi realizado um trabalho mais direcionado de leitura e escrita com os alunos do segundo ano, foram realizadas várias atividades relacionadas ao processo de alfabetização com foco no letramento, ampliando desta forma as atividades do projeto. As contações de história aconteciam uma vez por semana com duração de 20 minutos, é importante destacar que, durante as contações, sempre foi priorizado a participação dos alunos, no momento da história eram selecionados alguns alunos para serem personagens nas dramatizações, esta interação despertava neles o interesse pela atividade.

A professora titular da turma observada é pedagoga, tem pós-graduação em psicopedagogia e está com vinte anos de docência. Sobre a composição da turma esta é bem diversificada, contém dez alunos sendo três meninos e sete meninas, todos têm algum tipo de deficiência, dentre as deficiências presentes nos alunos desta turma estão deficiência Física, Intelectual, Múltipla, Paralisia Cerebral, Síndrome de Willians. Dos dez alunos que compõem esta sala somente três alunos conseguem escrever o próprio nome completo, nomear as cores primárias e algumas formas geométricas oralmente, assim como contar os números de zero a dez, os demais escrevem o nome, mas, ainda não é de forma legível. A proposta da pesquisa foi trabalhar com o desenho espontâneo e direcionado a partir dos contos apresentados pelo projeto aos alunos do 2º ano. Assim, quando foi iniciada as aulas na turma supracitada, foi elaborado a seguinte rotina para ser aplicada somente na sexta-feira, dia este em que as atividades do projeto eram aplicadas⁸.

⁸ A professora titular da turma não acompanhava as atividades na sala, mas sempre ficava a disposição na secretaria da escola.

Quadro 7- Rotina

Hora	Descrição das atividades
7:15 à 7:30	Acolhida no pátio com todos os professores e demais alunos para cantar o hino nacional e da cidade de Codó.
7:30 à 8:00	Ida para sala, era cantado música de bom dia que envolvia o nome do aluno, música do dia da semana, do mês e do tempo, em seguida era feito o sorteio do ajudante do dia, todas as crianças gostavam e queriam ser o ajudante.
8:00 à 8:20	Momento da contação de história.
8:20 à 9:00	Atividades práticas sobre a história com desenhos direcionados ou livre.
9:00 à 9:30	Socialização das atividades.
9:30 à 10:00	Lanche/ intervalo com músicas infantis e dança no pátio da escola.
10:30 à 11:00	Jogos educativos para alfabetização.
11:00 à 11:20	Contação de história com paradidáticos.

Fonte: (NOVAES, 2020).

Esta rotina foi utilizada pelas bolsistas durante quatro meses de aplicação do projeto, é importante destacar, que a professora titular da turma concordou com a rotina elaborada. Neste contexto, durante as aulas ministradas sempre foram criados pelos alunos desenhos de forma livre ou direcionado, sendo assim, na próxima seção deste trabalho está exposto como se sucedeu as experiências com estes dois tipos de grafismo na sala de aula.

2.3.2 Os desenhos em sala de aula

As situações de desenhos são diversas, entretanto, nesta pesquisa será dada ênfase a duas formas de desenho utilizada pelas crianças na turma pesquisada. Nesta perspectiva, as situações de desenhos a serem descritas posteriormente são o desenho espontâneo e desenho direcionado a partir da contação de história realizada durante as atividades do projeto “Alfabetização e Letramento na Educação Especial”, no período de quatro meses, como mencionado anteriormente.

O desenho espontâneo “por se tratar de uma atividade não dirigida, o sujeito é quem determina o que vai realizar graficamente, segundo interesses e preocupações próprios” (PILLAR, 1996, p. 57). Diante deste recurso gráfico, a criança pode exibir por meio de suas produções, seu meio social e também fatos da sua imaginação. Deste modo, as ilustrações gráficas primeiramente não são bem compreendidas, por estar relacionada a primeira fase do grafismo, mas com a evolução gráfica os desenhos ganham formas e intencionalidade, pois já é possível desenhar com objetivos determinados (PILLAR, 1996). Conforme está posto no RCNEI,

para que a criança possa desenhar, é importante que ela possa fazê-lo livremente sem intervenção direta, explorando os diversos materiais, como lápis preto, lápis de cor, lápis de cera, canetas, carvão, giz, penas, gravetos etc., e utilizando suportes de diferentes tamanhos e texturas, como papéis, cartolinas, lixas, chão, areia, terra etc (BRASIL, 1998, p.100).

Mediante esta citação, é explicitado como o processo de criação do grafismo pela criança necessita de vários materiais como também da organização do ambiente que a favoreça no decorrer deste processo. Além disso, o mais importante é que a criança se sinta livre e a vontade, porém, é necessário o acompanhamento do professor para que esta atividade não se torne uma distração. Convém mencionar, que a situação de desenho relatada até o presente momento nesta pesquisa está relacionada ao desenho espontâneo, que buscou romper com método tradicional de desenhar utilizado com bastante frequência durante o ensino tradicional, que focava na repetição e na cópia de desenhos a serem imitados pelos alunos (LIMA; LIA, 2017).

Em suma, “o desenho livre dá liberdade à criança de exteriorizar o que sai do seu interior, sem que sejam impostos regras, temas e limites. A criança pode dar uso à sua imaginação e transmitir o que sabe, o que pensa, o que a aflige, ou simplesmente, o que a faz desenhar” (PASSARINHA, 2012, p. 13). Com este tipo de grafismo a criança transmite de forma natural aspectos que são importantes para ela, sendo eles vivenciados, ou que foram simplesmente observados ou desenhos que são imaginados.

Em relação ao desenho direcionado a partir da contação de história, este é um tipo de atividade que a criança explica por meio do grafismo o seu entendimento sobre a história contada, o objetivo principal é “analisar como a criança reconstitui, através do desenho a história contada, quais as relações que estabelece entre suas vivências, o referente (história lida) e sua representação no desenho” (PILLAR, 1996, p. 58). Portanto, o grafismo utilizado neste sentido pode ter objetivos que ultrapassem a forma de escrever, o aluno desenvolve percepção estética ao estar selecionando as cores a serem aplicadas, relaciona também, seu desenho com aspectos do seu cotidiano, isto pode contribuir para uma aproximação do código escrito na medida que o educando escreve o nome da história e dos personagens fazendo relação deste com a sua vivência (PILLAR, 1996).

É importante citar como descreve Machado (2008) que mesmo sendo está uma atividade direcionada, o aluno não copia os elementos da história como está posto nos livros, pois por meio da imaginação eles recriam a história e dá outras características aos personagens, isto é essencial para criação e possibilita uma prática não mecanizada, mas sim interação e troca de conhecimento entre os envolvidos. Este mesmo autor comenta que o desenho de forma geral,

contribui para criança expressar o lúdico, aspectos científicos e fazeres artísticos, tanto o desenho espontâneo como o desenho direcionado.

O lúdico é registrado quando ela representa no papel, suas imaginações, sensações, emoções e suas experiências cotidianas, transformando o ato de desenhar em uma prazerosa brincadeira. Representa o científico quando expressa sua visão de mundo, constituindo assim como uma linguagem artística, elaborada por fases que dependerão de seu nível de desenvolvimento psíquico infantil, que varia de criança para criança. O artístico quando ela se apropria da obra e sente-se livre para criar de forma autônoma (MACHADO, 2008, p.11).

O processo dialógico entre estes três fatores posto por Machado (2008) podem desencadear uma aprendizagem que está para além das atividades centradas nas decisões solicitadas pelo educador, pois na medida que a criança começa a ter prazer em realizar determinada ação seja no papel, no chão, na areia e com a utilização de diferentes materiais, ela passa a ver o desenho como uma brincadeira prazerosa, podendo expressar diante desta tarefa sua visão de mundo de forma sistematizada de acordo com sua idade e com autonomia. Conforme esta situação, quando a inter-relação entre o desenho com o lúdico, científico e o artístico acontece durante o processo de ensino, a aprendizagem pode estar sendo estabelecida, além disso, fica nítido que desenhar não é só riscar no papel ou em outras superfícies sem intencionalidade, desenhar é uma linguagem e também conteúdo.

Vale mencionar, como pontua Pillar (1996) que enquanto as crianças fazem desenhos da contação de história, o mais importante para elas nem sempre é desenhar os personagens principais, mas, enfatizar vários detalhes e elementos que são significativos para elas dentro da história, intercalando estes aspectos que são significativos com fatores da sua vivência. Tendo em vista, a importância do grafismo para criança de forma integral, a seguir será exposto as experiências com desenhos espontâneos e direcionados para análise desenvolvidos na turma supracitada, nesses desenhos, os alunos retratam situações por eles vivenciadas, aspectos da realidade, elementos da imaginação e sociais.

2.3.3 Desenhos das crianças

As fases de evolução do desenho perpassam por diferentes etapas com nomenclaturas diferentes para cada fase, sendo elas realismo fortuito, realismo fracassado, realismo intelectual, realismo visual, conforme é nomeado por George Henri Luquet (1969 apud Pereira, 2016)⁹. Antes das análises dos desenhos, é importante destacar que os nomes das crianças nesta

⁹ No segundo capítulo deste trabalho foi pontuado de forma detalhada os estágios de evolução do grafismo segundo as concepções de outros teóricos.

pesquisa são fictícios. Além disso, é necessário informar que serão analisados o total de 17 desenhos, sendo os dez primeiros grafismos espontâneos, um de cada criança da turma e os outros sete desenhos direcionadas a partir das histórias contadas

Os dois primeiros desenhos analisados são das alunas Rubi e Cristal, a aluna Rubi na sala de aula, gosta de ouvir histórias, demonstra ter dificuldade para fazer as atividades por consequência da deficiência nas mãos, é deficiente física, cadeirante e tem paralisia cerebral, apresenta também dificuldade para falar, Rubi ainda não consegue escrever de forma legível, nem nomear as cores, o grafismo apresentado na figura 1 foi criado no dia dezesseis de agosto de 2019.

Na sequência, o próximo grafismo analisado é da aluna Cristal, a mesma é deficiente física, tem paralisia cerebral. Esta sua criação aconteceu no dia vinte e cinco de outubro de 2019. Cristal é uma aluna participativa nas aulas, gosta de ouvir histórias e desenhar, apresenta dificuldade de aprendizagem, não consegue segurar o lápis devido a deficiência que tem nas mãos, mas, faz suas atividades mesmo com dificuldade, Cristal ainda não é alfabetizada.

Figura 1-Desenho espontâneo
Rubi



Fonte: (RUBI, 2019).

Figura 2- Desenho espontâneo
Cristal



Fonte: (CRISTAL, 2019).

O desenho da figura 1 é uma criação da aluna Rubi, este seu traçado faz parte da primeira fase de evolução do grafismo. Segundo alguns teóricos, esta é a fase dos rabiscos ou garatujas. Neste sentido, a primeira fase de evolução do desenho é composta somente por rabiscos, a criança tem prazer durante sua ação no papel ou em outras superfícies (PIAGET, 1976 apud COSTA, 2017).

Pelição e Ribeiro (2018) acrescentam ainda que neste estágio inicial do simbolismo a criança adquire a linguagem, característica esta muito importante para o seu ato criador, outro

aspecto que tem origem neste estágio é o pensamento da criança, este por sua vez ganha forma e consequentemente os símbolos mentais são colocados em prática mediante sua ação criativa. De forma assertiva, Souza (2010) expõe que esta primeira etapa gráfica para o desenvolvimento da criança é muito importante, pois, por meio dela, a criança é conduzida para as outras fases de evolução do desenho.

Na sequência, o próximo grafismo analisado é da aluna Cristal que corresponde a figura 2, nesta seção de desenho espontâneo, a aluna utilizou lápis de escrever na cor preta, para pintar usou lápis nas cores rosa e amarelo, seu desenho se assemelha à figura humana, em algumas partes é composto por formas circulares, não é um desenho bem detalhado.

Esta fase de evolução do desenho que Cristal se encontra é nomeada de rabiscção longitudinal, neste ciclo o rabisco é intencional, “isto é, a criança tem noção do que está fazendo, assim como já aprecia sua atividade e gosta do que está produzindo. Com as formas celulares (as bolinhas) surge à capacidade de controle através de símbolos: círculos, quadrados, cruzeiros, entre outros” (LOWENFELD, 1977, apud SOUZA, 2010, p.20). A criança expressa graficamente elementos que podem ser reconhecidos, haja vista que estes desenhos já são pensados pela criança antes mesmo de desenhar. Sobre a relação do desenho com a escrita, observa-se que aluna tem consciência que existe outras formas gráficas além do grafismo. Neste caso especificamente, a aluna ainda não consegue estabelecer uma relação do seu desenho com a escrita, mas escreve algumas letras de forma desordenada.

Dando continuidade, os próximos desenhos analisados são de autoria de Ametista e Berilo. A produção de Ametista foi criada no dia vinte e três de agosto de 2019, a do aluno Berilo aconteceu no dia quinze de novembro de 2019.

Figura 2- Desenho espontâneo
Ametista



Fonte: (AMETISTA, 2019).

Figura 3- Desenho espontâneo
Berilo



Fonte: (BERILO, 2019).

Dentro da sala de aula, Ametista demonstra ser imperativa, apresenta dificuldade para se concentrar nas aulas, assim como na leitura e escrita, gosta de participar quando é chamada para ir ao quadro, mas ainda não sabe escrever seu nome, esta aluna tem deficiência intelectual.

A produção da Figura 3 é da aluna Ametista. Nesta seção de desenho, a aluna expôs o tempo chuvoso e ao mesmo tempo o sol brilhante. No desenho contém também uma imagem humana sem muitos detalhes, falta olhos, nariz, boca, cabelo. Ametista relatou que a figura humana é de uma criança banhando na chuva, a mesma está em cima da ponte e tem muita água em baixo da ponte. Ametista proferiu que gosta de tomar banho na chuva, mas nem sempre sua mãe deixa. Neste desenho a aluna não traçou letras sobre o papel, somente utilizou pincéis coloridos para criar seu desenho. Cabe ressaltar, que esta aluna consegue identificar somente algumas letras, dentre elas as vogais e algumas cores primárias.

A figura de número 4 é do aluno Berilo, durante as aulas, ele demonstra ser tímido, quase não conversa na sala, gosta de sentar-se sempre distante dos colegas, Berilo tem deficiência intelectual. Quando era solicitado a ir ao quadro, até se disponibilizava, mas sempre falava que não sabia escrever. Em algumas aulas, ele não fazia as atividades, ficava sempre de cabeça baixa. No momento das contações de história, ele ficava atento, sempre observando, mas não interagia, Berilo ainda não é alfabetizado. Sobre esta sua criação, ele desenhou uma mulher de cabelo longo e preto, com olhos, boca, braços e pernas, mas faltou alguns elementos, como por exemplo as mãos. Desenhou também, uma arma e um homem sem cabelos. É importante ressaltar, que a cor utilizada pelo aluno para pintar a mulher, a arma e o homem foi a cor laranja.

No momento de socialização das atividades, o aluno não socializou para turma, falou somente para mim sobre seu desenho. O aluno relatou que o homem presente em seu desenho está atirando em uma mulher com a arma, a qual ele nomeou de “espingarda”. Cabe destacar, que em todas as situações de desenho seja espontâneo ou direcionado a qual este aluno participou, ele sempre desenhava um homem atirando em uma mulher e a cor laranja sempre era utilizada. Em relação a escrita alfabética, este aluno apresenta dificuldade na leitura e escrita e para nomear as cores. Neste desenho o aluno não fez outro tipo de escrita além do desenho.

Lowenfeld (1977 apud Souza, 2010) acrescenta que este ciclo gráfico é o início do desenho, no entanto, a criança ainda não se desvinculou totalmente da primeira fase de evolução gráfica do desenho, ou seja, fase da garatuja. Entretanto, esta fase se torna o momento propício para oferecer elementos que contribui para a evolução do desenho da criança, pois a mesma no decorrer da sua criação gráfica externa por meio dos traços e cores elementos do seu dia a dia,

e desta forma os adultos podem tentar compreender o que as crianças desejam por meio de seus desenhos. A seguir, as próximas exposições gráficas são das alunas Turmalina e Safira, a experiência de Turmalina ocorreu no dia vinte e três de agosto de 2019, a de Safira foi no dia seis de setembro de 2019.

Figura 5 - Desenho espontâneo
Turmalina



Fonte: (TURMALINA, 2019).

Figura 6 - Desenho espontâneo
Safira



Fonte: (SAFIRA, 2019).

A aluna Turmalina demonstra ser participativa durante as aulas, gosta de desenhar, conhece quase todas as letras do alfabeto, consegue ler algumas sílabas, mas esta aluna falta com frequência nas aulas por motivos de condução até a escola. Ela gosta de participar das contações de história e relatou que tem muita vontade de aprender a ler. Turmalina é deficiente intelectual é também parcialmente surda. Em relação ao desenho de número 6 este é da aluna Safira, é uma aluna calma na sala de aula, gosta de participar das contações de história, mas não demonstra interesse para fazer as atividades na sala de aula, Safira apresenta ter dificuldade na leitura e escrita, a mesma possui síndrome de willians.

A Figura 5 é da estudante Turmalina. No momento de socialização, Turmalina disse que seu desenho é sobre “ A Velha do São José”, esta é uma lenda conhecida na cidade de Codó-MA. Em seu desenho, a aluna representou a velha do São José com poucos detalhes, pintou a roupa da personagem na cor marrom, o restante não coloriu, os olhos, boca e nariz foram bem detalhados, nas mãos e nos pés, faltou alguns elementos. Sobre o desenho da aluna Safira, esta expos em seu desenho livre os personagens também de uma história, Peter Pan. A aluna desenhou os seguintes personagens da história, fada sininho com vestido verde e sapatilha vermelha, desenhou também um chapéu, mas não pintou, no rosto fez os olhos, boca, sobrancelhas e nariz, desenhou os braços, porém não fez as mãos. O personagem Peter Pan, Safira fez bem elaborado assim como os demais, ela fez o contorno na cor verde, pintou o

chapéu, a camisa, a calça e os sapatos de forma arredondada na cor verde, no rosto, desenhou os olhos, boca, nariz e sobrancelhas, no entanto, faltou algumas partes como as mãos e os dois braços do personagem.

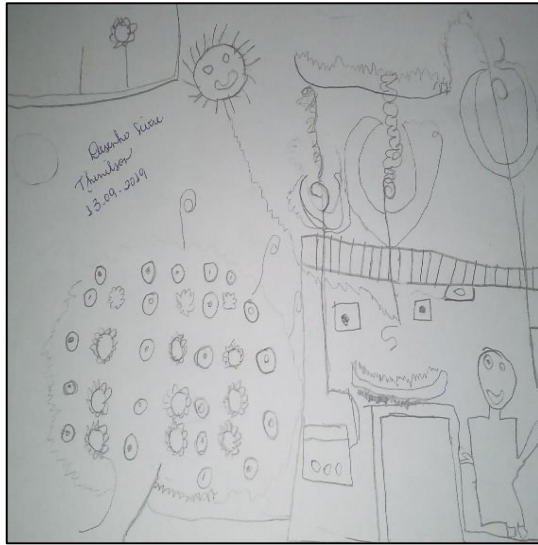
Na personagem Wendy, a aluna fez um vestido acentuado e pintou na cor rosa, no rosto, fez os olhos, boca, nariz, sobrancelhas, o cabelo pintou na cor amarelo, não fez cabelo longo, nos braços faltou também as mãos, nos outros dois personagens que são irmãos de Wendy, Safira permaneceu com desenhos detalhados, em um dos personagens ela não pintou fez somente o contorno na cor azul, desenhou no rosto os olhos, boca, nariz, sobrancelhas, o cabelo fez espetado para cima, continuou sem desenhar as mãos nos braços e o formato do sapato permaneceu de forma arredondada. Sobre o último personagem, a aluna fez o contorno na cor amarelo, pintou a roupa e o cabelo na cor verde, no rosto fez os olhos, boca, nariz, e sobrancelhas, os sapatos também estava no mesmo formato dos demais, assim como os braços e as mãos.

Quando a aluna foi socializar com a turma sobre esta sua produção, a mesma disse que desenhou os personagens da história Peter Pan, ela acrescentou que esta história é muito bonita, ela não sabia que existia uma terra do nunca onde as crianças não crescem, falou também que Peter Pan é um amigo do bem e que gosta de ajudar seus amigos por isso o desenhou. Proferiu também, que gosta de brincar, assim como os personagens da história que brincaram felizes na terra do nunca.

Em suma, os desenhos de Turmalina e Safira fazem parte do terceiro estágio de evolução do grafismo nomeado por George Henri Luquet (1969 apud Pereira, 2016) de Realismo Intelectual, em seus desenhos as alunas retratam fatos por elas vivenciados, seja por meio da contação de história ou de elementos da vida social delas. Sob este véis, “o fazer artístico da criança por meio do desenho sofre influência da cultura através de imagens em livros, revistas, propagandas, televisão e, também, por trabalhos de outras crianças e adultos” (HANAUER, 2013, p. 77). Deste modo, os aspectos culturais influenciam nas produções gráficas da criança de modo a agregar mais características aos desenhos, no entanto, é importante destacar que os grafismos não perdem sua essência, ademais, os aspectos peculiares do autor permanecem em sua produção (HANAUER, 2013).

Na sequência, os grafismos apresentados são dos alunos Jaspe e Esmeralda, são produções livres, que aconteceram no dia treze de setembro de 2019.

Figura 7- Desenho espontâneo
Jaspe



Fonte: (JASPE, 2019).

Figura 8 - Desenho espontâneo
Esmeralda



Fonte: (ESMERALDA, 2019).

A Figura 7 é referente ao desenho do aluno Jaspe, este aluno possui algumas necessidades educativas especiais como dificuldade de aprendizagem e deficiência intelectual. No momento de socialização com a turma, o aluno falou que nesta sua produção desenhou uma árvore que tem no quintal de sua casa um pé de manga com muitas frutas. Jaspe envolvido pela imaginação, desenhou também uma casa de bruxa, com a bruxa cozinhando no caldeirão fervente, a fumaça do caldeirão sai pelo teto da casa que consegue atingir o sol.

Nos traços utilizados pelo aluno ele mescla algo fictício com aspectos da sua realidade, sendo assim, o desenho de Jaspe, contribui para o professor identificar e conhecer um pouco da realidade deste aluno. Neste desenho, o aluno não estabeleceu relação entre desenho com o código alfabético, mas é importante ressaltar que este aluno conhece as letras do alfabeto, algumas sílabas, números e cores.

Segundo as concepções de Lowenfeld (1977 apud SOUZA, 2010) cabe ressaltar que o grafismo produzido por Jaspe e Esmeralda fazem parte do quarto estágio de evolução do desenho denominado de Figuração Realista, nesta etapa a criança é bem detalhista, tem o hábito de desenhar tudo o que vê, neste momento é de suma importância que os desenhos sejam valorizados pois a fantasia da criança é ainda mais a florada. A Figura 8 corresponde ao desenho da aluna Esmeralda. Na sala de aula, Esmeralda gosta de fazer as atividades, até pedi atividades para casa, pois ela sempre falava nas aulas que tem o desejo em aprender ler, é uma aluna participativa e ainda não conseguiu escrever seu nome de forma correta, tem dificuldade para se concentrar nas aulas, gosta de ouvir histórias e participar de peças teatrais que foram desenvolvidas na turma, Esmeralda é autista.

Neste seu grafismo, ela traçou a imagem de seu animal de estimação, um gato. Ela pintou na cor amarela, logo abaixo do desenho do gato ela fez várias bolinhas e pintou de diferentes cores. Durante sua socialização com a turma, Esmeralda falou que este seu desenho, é de um gato muito esperto que ela tem em casa, é esperto igual ao gato que tem na história do gato de botas. Estas bolinhas coloridas ela descreveu que são moedas de ouro do seu gato.

Constata-se que a aluna traspôs ao papel, o desenho de seu animal de estimação, e relacionou com um dos personagens da história que ela já tinha ouvido. Ao que concerne as ideias Lowenfeld (1977 apud Souza, 2010) neste estágio gráfico, a criança estabelece uma conexão entre desenho, pensamento e realidade. Desta forma, o desenho produzido pela criança apresenta ainda mais intencionalidade, pois já é pensado por ela qual será sua ação sobre o papel, que pode ser algo real e concreto.

Posteriormente, as próximas produções gráficas selecionadas para análise são dos alunos Ônix e Pérola. A experiência com grafismo de Ônix também aconteceu no dia treze de setembro de 2019, este aluno é deficiente intelectual e ainda não é alfabetizado, na sala de aula ele demonstra ser uma criança imperativa, tem dificuldade para se concentrar, mas gosta de desenhar, as atividades de leitura e escrita ele não demonstra interesse para fazer, gosta também de participar dos jogos e observar as ilustrações dos livros das histórias que são contadas. Em relação a produção gráfica da aluna Pérola, esta aconteceu no dia dezois de agosto de 2019. É importante destacar que os desenhos de Ônix e Pérola também fazem parte do quarto estágio, de evolução do grafismo, nomeado de Figuração Realista, pois apresentam várias etapas deste estágio em seus traçados.

Figura 9 -Desenho espontâneo
Ônix



Fonte: (ÔNIX, 2019).

Figura 10: Desenho espontâneo
Pérola



Fonte: (PÉROLA, 2019).

A figura de número 9 corresponde ao desenho de uma caixa de som, pintada nas cores preto e azul, com esse grafismo Ônix, expôs um desejo seu, ganhar uma caixa de som nestas cores. Neste contexto, o aluno escreveu várias letras de forma aleatória próximo ao desenho. Segundo ele, as letras “R N A V A” corresponde ao nome “caixa”, as letras “I F” corresponde a palavra “de” e as letras “B I 8”, corresponde a palavra “som”.

Mesmo sem ter a percepção correta da escrita ortográfica da palavra caixa de som, o aluno tentou estabelecer uma relação da escrita alfabética ao desenho, neste sentido, é notório que Ônix consegue realizar uma distinção entre desenho e escrita, pois ao passo que desenha ele quer registrar também a sua escrita. Deste modo, Florêncio e Bueno (2015) descrevem que no momento em que a criança descobre que desenhar não é escrever ela está no primeiro nível de aquisição da escrita na hipótese Pré-silábica¹⁰, pois neste nível, a criança já é capaz de fazer a distinção entre desenho e escrita.

O desenho de número 10 é uma produção de Pérola, dentro da sala de aula, esta aluna demonstra ser participativa, gosta de desenhar, fazer desenhos coloridos, participar das contações de história e tem o desejo em aprender ler. Pérola consegue escrever seu nome completo e faz o reconhecimento de algumas sílabas, esta aluna é deficiente intelectual. Neste desenho a aluna rabiscou em traços detalhados alguns personagens da história Chapeuzinho Vermelho, é importante destacar que esta era uma produção espontânea e que os alunos estavam livres para fazer seus desenhos. Os elementos da história, ilustrados por Pérola foram a floresta com uma árvore pintada nas cores marrom e verde, a personagem Chapeuzinho Vermelho com alguns acessórios e o lobo. A aluna relatou que gosta muito desta história por isso a desenhou, as cores utilizadas são fortes e torna o desenho ainda mais atrativo.

É importante salientar, que neste estágio gráfico que Pérola está denominado de Esquematismo, começa a existir relação entre cor e objeto, fato este que em estágios anteriores do grafismo ainda não existe, pois, a escolha das cores acontecia por motivos emocionais e não de acordo com a realidade do objeto observado Piaget (1976, apud COSTA, 2017).

A seguir serão apresentadas as seções de desenhos direcionados a partir da contação de história, foram analisados sete desenhos. A escolha por estes grafismos se deu pela relação do desenho com a escrita alfabética em diferentes níveis estabelecida pelos alunos. Por este motivo não será apresentado um grafismo para cada aluno, pois somente seis alunos conseguiram

¹⁰ As fases de aquisição da escrita segundo as concepções de Ferreiro (1995 apud Silva, 2016) é constituída por três níveis. O primeiro nível é distinção entre as representações icônicas e não icônicas (desenho e escrita). Segundo nível acontece a construção de formas de diferenciação da escrita (variedade e quantidade), estes dois primeiros níveis fazem parte da hipótese Pré-silábica. O terceiro nível é composto pelas hipóteses silábica, silábica-alfabética e alfabética, neste nível a criança compreende a relação entre grafema e fonema.

representar os dois tipos de escrita, ou seja, grafismo e a escrita alfabética em suas seções de desenho. Deste modo, quando era solicitado aos alunos grafismo direcionado eles desenhavam elementos que lembravam das histórias contadas na semana, além de desenhar nomeavam seus desenhos e desta forma era trabalhado a escrita de forma prazerosa.

Conforme Fayol (2014, p.33) “A escrita é uma ferramenta. Ela permite a comunicação com os outros, por meio de desenhos, gráficos, mapas, palavras, frases e textos. Também permite representar as situações relatá-las, descrevê-las, defendê-las – em geral para um destinatário, mas também para si mesmo”. Diante disso, a escrita é de suma importância para o ser humano, é uma ferramenta que permite uma comunicação entre as pessoas mediante diferentes representações. A seguir, no quadro abaixo será apresentado as fases de evolução da escrita alfabética dando foco nas características principais para cada nível segundo as concepções de Rosseto (2017).

Quadro 8 - Fases de evolução da escrita

Níveis da escrita alfabética	Principais características
1-Pré-silábico	A criança quando está neste nível ainda não consegue estabelecer a diferença entre letra e desenho, os rabiscos estão presentes de forma acentuada, atribuir também, a mesma grafia para palavra diferente, as pseudoletas e números fazem parte desta nível da escrita.
2-Silábico	É o início da articulação entre grafema e fonema pela criança, mas a criança entende que para cada sílaba da palavra deve-se atribuir uma letra.
3-Silábico alfabético	É a fase de transição do nível silábico para o alfabético. Neste caso, já é atribuído pela criança mais de uma letra para representar a sílaba de uma palavra.
4-Alfabético	Neste último nível a criança já consegue fazer análises da sua escrita, mas podem surgir outras dificuldades, sobretudo na parte da ortográfica.

Fonte: (NOVAES, 2020).

Partindo disto, nos grafismos apresentados a seguir, as crianças estabeleceram uma relação do desenho com os níveis de evolução da escrita. Estas duas primeiras imagens de desenho direcionado selecionadas para análise são de autoria das alunas Safira e Esmeralda, o desenho de Safira foi criado no dia vinte e cinco de outubro de 2019, a produção de Esmeralda foi realizada no dia vinte e dois de novembro do mesmo ano.

Figura 11: Desenho direcionado
Safira



Fonte: (SAFIRA, 2019).

Figura 12: Desenho direcionado
Esmeralda



Fonte: (ESMERALDA, 2019).

Nesta sua produção gráfica, a aluna Safira expôs o desenho de uma menina com vários elementos, como pode-se observar no rosto ela fez a boca e os olhos, fez também os cabelos um pouco longo e pintou na cor amarela. A roupa ela fez um vestido e coloriu nas cores verde, amarelo e rosa, nas pernas somente em uma ela fez um sapato, faltou alguns elementos como braços e mãos, nariz, orelhas etc. Quando a aluna fez a socialização do seu desenho para turma, descreveu que esta menina é a personagem Cinderela da história, com a sua narrativa ficou explicado o porquê pintou o cabelo de amarelo e fez somente o sapato. Ela descreveu que a personagem na história é loira e branca, seu vestido é logo e por isso fez um vestido lindo, desenhou só um sapato porque Cinderela perdeu o outro sapato ela relatou.

Além da comunicação visual o desenho, a aluna traçou sobre o papel algumas letras, na parte inferior do desenho ela escreveu o nome da personagem desta forma CIPGALA=Cinderela, com esta escrita pode-se perceber que a aluna escreveu o nome Cinderela com algumas alterações, a primeira e a última sílaba da palavra está correta, as outras letras estão escritas de forma desordenada, não apresentam relação entre letra e som. Nesta perspectiva, Safira apresenta está na fase de transição da hipótese Pré-silábica para silábica, ou seja, a escrita desta aluna tem características do primeiro e do terceiro nível de aquisição da escrita.

A figura de número 12 apresenta o desenho da aluna Esmeralda, é o grafismo de um Coelho, os motivos que levaram a aluna a fazer este desenho foram vários como ela relatou, dentre eles citou que este animal é bonito e muito fofo, a escolha pela cor preta é devido a história da Menina bonita do laço de fita de Ana Maria Machado, pois ela já conhecia esta

história. Ou seja, novamente o desenho é utilizado pelo aluno para expressar suas vivências. Além do desenho, a aluna traça várias letras de forma desordenada, com exceção da palavra COELHO escrita da seguinte forma por Esmeralda, “COELTO”, nesta palavra é estabelecido uma relação entre letra e som, mas é trocado pela aluna a letra H pela letra T.

Nas demais palavras, conforme é observado na figura, não existe uma relação entre letra e som, “MEMFMA OLMM; HTATPMTM; ATMENBOA; RTM; MIAGO”. Neste sentido, podemos dizer que esta aluna apresenta está na hipótese Pré -silábica no primeiro nível de aquisição da escrita alfabética, por algum motivo ela conhecia visualmente a palavra Coelho, por isso escreveu esta palavra estabelecendo uma relação entre grafema e fonema. Na sequência, as próximas seções de desenhos, são de autoria das alunas Pérola e Turmalina, esta seção de desenho aconteceu no dia dezoito de outubro de 2019 a partir da contação da história “ Cachinhos Dourados”.

Figura 13: Desenho direcionado
Pérola



Fonte: (PÉROLA, 2019).

Figura 14: Desenho direcionado
Turmalina



Fonte: (TURMALINA, 2019).

Sobre a análise dos desenhos, os personagens representados por Pérola foram Cachinhos Dourados e os três ursos presentes na história, os desenhos são bem detalhados, a personagem principal, Cachinhos Dourados, está com cabelos bem enrolados e pintado na cor amarelo, os olhos, a boca e nariz estão bem delineados e pintados, a roupa é um vestido rosa acentuado com detalhe verde na cintura, nos pés a personagem usa botas na cor lilás, a cor da pele da menina ela pintou na cor laranja, nos braços ela não desenhou as mãos. Em relação aos ursos, estes foram pintados na cor marrom, mas, com características diferentes, eram três ursos, urso pai com boca pequena e arredondada, orelha com detalhes na cor rosa, olhos pretos e com gravata na cor laranja. Urso mãe tem orelhas nas cores marrom e rosa, boca quadrada com língua

vermelha e olhos azuis. Urso filho também tem orelhas na cor rosa e marrom, a boca é mais arredondada e grande, tem olhos azuis. É notório que a aluna estabeleceu um tamanho para cada urso, o pai é o maior, a mãe tem tamanho menor que o do pai, o urso filho menor que a mãe e o pai.

Com relação a Turmalina, em seu desenho, a aluna representou graficamente além da personagem Cachinhos Dourados outros personagens da história. No momento de partilha com a turma sobre a história do desenho, a aluna falou que desenhou uma casa, dentro da casa estava a personagem principal da história, Cachinhos Dourados com cabelo preto e vestido na cor laranja com marrom. As mãos e os pés da personagem foram desenhados, mas não estão pintados, faltando desta forma alguns detalhes. Foi desenhado também, um dos cômodos da casa, o quarto com uma cama, a aluna acrescentou várias estrelas, a porta da casa desenhada tem alguns detalhes na cor marrom e alguns balões coloridos na parede como relatou Turmalina.

Mediante a análise da escrita de Pérola, esta se encontra na hipótese silábica-alfabética, no terceiro nível de aquisição da escrita, para este nível, Silva (2016), afirmando que a criança consegue representar uma ou mais letras para cada sílaba da escrita, estabelecendo uma relação da letra representada com o som, isto é, relação grafema e fonema. O nome da história, Cachinhos Dourados a aluna escreveu da seguinte forma, “AIO= cachinhos/ OUAO= dourados”.

Em relação à palavra “PAI” a aluna consegue escrever corretamente, porém, nas demais palavras, a aluna mantém a mesma forma de escrita de anteriormente, uma letra representa uma sílaba, sendo escrita desta forma as palavras, “ UO= urso/ AI= mãe/ IO= filho”. Para este caso especificamente, Silva (2016) pontua que a criança está na fase de transição da escrita silábica-alfabética para a alfabética, entretanto, esta aluna ainda não se desvinculou totalmente da fase silábica-alfabética, pois há maior incidência da escrita silábica nas palavras. A escrita da aluna Turmalina, conforme observado, também se encontra no terceiro nível¹¹ de aquisição da escrita, pois a aluna faz relação entre grafema e fonema, assim, como atribui um valor sonoro para cada sílaba da palavra escrita. O nome da história, Turmalina escreveu desta forma, KXIO= cachinhos/ OUAO=dourados, constatou-se que para cada sílaba a aluna atribui uma letra ou mais de uma letra, assim também nas palavras, / KA= cama/ AEÃO= balão/ CAZA= casa, verifica-se que em algumas sílabas a aluna não relaciona letra e som de forma correta.

Neste nível, o aluno dá um salto qualitativo: cada letra vale por uma sílaba, uma vez que esta letra pode ser representada com um valor sonoro estável, ou não. Caso o aluno não empregue o valor sonoro convencional para cada letra, segue-se, durante a representação escrita do educando, a exigência de se dispor uma letra para notar uma

¹¹ A análise da escrita das crianças será realizada a partir da psicogênese da língua escrita.

sílaba. Entretanto, há também outras crianças que, além de escreverem as palavras com a preocupação de quantificá-las corretamente, atribuem o valor sonoro convencional a cada letra representada, em suas escritas (LUNA; SILVA, 2013, p. 39).

Em suma, o processo de evolução gráfica de Pérola e Turmalina apresentam as características descritas por Luna e Silva (2013) pois, as alunas estabelecem em algumas palavras relação entre grafema e fonema, assim como, atribuem uma letra ou mais letras para cada sílaba, mas em algumas palavras, ambas não relacionam a letra com som, escrevendo desta forma letras aleatórias. A seguir, a próxima produção é do aluno Jaspe criado no dia vinte e cinco de outubro de 2019, em seu desenho, este aluno expressou suas lembranças acerca da história Cinderela, na qual ele desenhou alguns dos personagens e elementos contidos nesta história.

Figura 15: Desenho direcionado
Jaspe



Fonte: (JASPE, 2019).

Como pode-se perceber, os desenhos de Jaspe não são cheios de detalhes, mas tem formas e intencionalidade, seus grafismos ainda se apresentam em formatos geométricos. No desenho contornado na cor amarela, tem braços com mãos, pernas, a cabeça não tem cabelo e no rosto foram desenhados olhos e boca, este desenho representa a madrasta da história. No segundo desenho, na cor azul, apresenta as mesmas características do desenho anterior, com braços e mãos, pernas, cabeça sem cabelo, olhos e boca. No terceiro desenho desta figura, o que diferencia dos anteriores são as cores utilizadas no contorno da personagem, que está nas cores azul e marrom, os outros detalhes permanecem iguais aos demais desenhos produzidos por ele nesta seção, com braços e mãos, pernas, cabeça sem cabelo, no rosto contém olhos e boca.

Como está exposto na figura, Jaspe além dos personagens desenha um outro elemento da história, um relógio, este está todo contornado na cor amarela. É importante destacar, que nesta sua seção o aluno não pintou os desenhos, somente utilizou pincéis para traçar seu desenho no papel. Jaspe no momento da socialização, falou que este seu grafismo tem a madrasta com suas filhas que são irmãs de Cinderela, elas são muito ruins, por isso deixou elas assim no desenho, sem roupas e carecas, porque elas não gostavam de Cinderela que trabalhava muito para cuidar da casa. Sobre o relógio, ele discorreu que este despertou para Cinderela lembrar a hora certa de voltar para casa, mas ela saiu muito apressada e perdeu seu sapato de cristal. Podemos perceber, que Jaspe nomeio todos os personagens e elementos por ele representados, em relação a escrita das palavras foram as seguintes, NADATA=madrasta/ IANA=irmã/ IANA= irmã/ REOIO= relógio.

Na escrita da palavra madrasta, Jaspe troca na primeira sílaba, a letra (M pela letra N), essa troca acontece também na escrita da palavra irmã. No restante da palavra madrasta o aluno, estabelece duas letras para cada sílaba, porém, está faltando as letras (R/S). Na palavra irmã, o aluno acrescenta a letra (A, no lugar da letra R), e troca a letra (M pela N) como citado anteriormente. Em relação à palavra relógio, Jaspe coloca para a primeira sílaba duas letras de forma correspondente, mas no restante da palavra ele coloca somente uma letra para cada sílaba. Nesta palavra, o aluno corresponde letra e som. Conforme estes apontamentos, a escrita de Jaspe se encontra no terceiro nível da escrita na fase silábica, pois a relação entre letra e som está presente na escrita de todas as palavras colocadas por ele seja com valor sonoro ou não como é o caso da palavra irmã.

Em continuidade, os grafismos apresentados a seguir foram produzidos também no dia vinte e dois de novembro de 2019. Os autores são Safira e Jaspe, os desenhos são referentes a história “Menina Bonita do Laço de Fita”. Safira nesta sua criação gráfica que corresponde a figura 16, desenhou dois personagens da história, a menina bonita e o Coelho, na menina ela fez um contorno na cor verde sobre toda personagem, nos cabelos utilizou a cor rosa para pintar, o vestido da personagem foi pintado nas cores amarelo e marrom, nos braços faltou acrescentar as mãos, para os pés fez uma bota, o tom de pele da menina ela utilizou para pintar a cor laranja, diferente do tom de pele apresentado na história.

Figura 16: Desenho direcionado
Safira



Fonte: (SAFIRA, 2019).

Figura 17: Desenho direcionado
Jaspe



Fonte: (JASPE, 2019).

Ao desenhar o Coelho Safira utilizou várias cores, primeiramente contornou o animal na cor lilás, a boca coloriu na cor verde, os olhos e nariz utilizou somente o lápis de escrever, as orelhas pintou de preto com rosa, o rosto do Coelho pintou da cor laranja, a barriga e as pernas pintou na cor azul, os braços pintou de rosa e verde, desta forma, o Coelho ficou todo colorido. Durante a socialização a aluna proferiu que desenhou somente os dois personagens da história que mais gostou, a menina bonita e o Coelho, acrescentou ainda que não conhecia esta história, em suma, Safira não falou muito sobre seu desenho.

A figura 16 é referente ao desenho do aluno Jaspe, também relacionada à história “Menina Bonita do Laço de Fita”, seu grafismo está cheio de detalhes, o aluno no momento de socialização com a turma falou que desenhou o sol com olhos e boca, desenhou o Coelho e pintou na cor preta do pescoço para baixo, deixou a cabeça e as orelhas na cor branca, o motivo do Coelho está desta forma é que ele era branco mais se pintou de preto para agradar a menina bonita ressaltou Jaspe, mas caiu uma forte chuva e aos poucos ficou branco novamente, ao lado do Coelho tem uma árvore e um pé de jabuticaba cheio de frutas para o Coelho comer.

Diante dos desenhos analisados, observa-se que os dois alunos ao desenharem se expressam graficamente suas lembranças da história, isto é essencial para o desenvolvimento integral da criança, pois as atividades de desenho sejam espontâneas ou direcionada contribuem para aprendizagem da criança (CARVALHO, 2015). Ao que concerne à escrita alfabética, a aluna Safira ainda apresenta dificuldade, porém, consegue relacionar em algumas palavras grafemas e fonemas, mas mesmo assim, não consegue relacionar em todos os seus escritos esta conexão entre letra e som. Em sua escrita neste desenho ela escreveu o nome da história desta

forma, “MENIA= menina/ BONITA= bonita/ DO= do ÇLA= laço/ DE=de/ ITA= fita”, a aluna consegue estabelecer coerência entre letra e som em algumas das palavras como está exposto.

Do mesmo modo, o aluno Jaspe apresenta algumas dificuldades na escrita, logo assim, ele escreve o nome da história desta maneira, “ MEINA= menina/ BONITA= bonita/ O= do LACO= laço/ bE= de (o aluno trocou a letra d pela letra b) / FITA= fita, nos outros elementos da história que ele também desenhou como sol, árvore e coelho, a escrita ficou assim, “OU= sol, AVORE= árvore, COAELHO= coelho”. Neste sentido, conforme as ideias de Luna e Silva (2013) este tipo de escrita apresentado pelos alunos se encontram no terceiro nível de aquisição da escrita na fase de transição da hipótese silábica para hipótese alfabética, este nível é caracterizado,

por grandes conflitos, pois, neste momento, a criança percebe que estabelecer uma letra para cada sílaba não é suficiente para representar uma palavra e assim, começa a dispor mais letras, tornando a tarefa muito complexa, devido ao fato de implicar uma reflexão mais sofisticada, acerca da palavra a ser notada (LUNA; SILVA, 2013, p.39).

Compreende-se, portanto, que quando a criança chega neste nível de aquisição do código alfabético, sua escrita passa a ser mais assimilada pelo educador e pela própria criança, pois passa a ser atribuído mais de uma letra para composição de uma sílaba, desta forma, sua evolução gráfica se aproxima ainda mais da escrita alfabética. Neste sentido, diante da importância do grafismo para o aprendizado da criança e considerando a importância de relacionar com a escrita esta pesquisa buscou verificar também quais são as concepções dos professores da escola em relação ao grafismo dos seus alunos.

2.3.4 A concepção dos professores em relação ao grafismo infantil

Para melhor compreender e identificar a percepção dos professores sobre a importância do grafismo no desenvolvimento gráfico da criança, foi elaborado e aplicado a estes profissionais um questionário composto por oito perguntas. A partir das indagações que compõem o questionário, foi investigado como os professores avaliam os desenhos dos alunos que ainda não sabem escrever, da mesma forma, foi perguntado aos colaboradores qual a frequência do desenho livre na sala de aula. Em continuidade, os docentes discorreram sobre os tipos de interferência realizada quando o aluno está desenhando, assim como, os tipos de desenhos que são mais solicitados para os alunos produzirem.

Posteriormente, os entrevistados foram interrogados a respeito da relação do desenho com a escrita, se eles observam alguma relação entre estas duas formas de comunicação gráfica quando o aluno está praticando esta ação sobre o papel. Além disso, buscou saber sobre a

importância do desenho para o desenvolvimento da criança no ponto de vista docente e quais seriam os motivos de alguns educadores considerarem o desenho como uma tarefa simples sem importância não apresentando relação com o processo de aprendizagem dos alunos.

A seguir está exposto a concepção destes professores sobre os questionamentos citados anteriormente e para melhor compreensão do leitor, os professores foram nomeados da seguinte forma, professoras do primeiro ano A¹², será (Rosa e Estrelícia), primeiro ano B (Jasmim), primeiro ano C (Hortênsia e Dália), primeiro ano D (Alisson), segundo ano (Tulipa), terceiro ano (Iris), professora do horário pedagógico (Margarida)¹³.

Ao que concerne à avaliação feita pelos professores dos desenhos das crianças que ainda não sabem ler, as professoras do primeiro ano A, Rosa e Estrelícia foram unânimes em suas respostas, pois as duas ressaltaram que os alunos da turma a qual trabalham ainda não conseguem desenhar com clareza, só fazem as garatujas de forma desordenada, justificaram ainda, que isto se dá por causa da deficiência dos alunos ser muito acentuada. Em relação à turma do primeiro ano B, a professora Jasmim ao ser questionada sobre esta indagação, respondeu que tem alguns alunos bem habilidosos e que gostam de desenhar, nos desenhos ela consegue entender a mensagem que eles querem transmitir, mas nem todos conseguem desenhar de forma legível, ainda tem alunos que fazem somente rabiscos segundo a professora.

As professoras da turma C Hortênsia e Dália também proferiram que os alunos desta sala, ainda estão na fase das garatujas desordenadas, por este motivo elas não conseguem identificar nos desenhos o que os alunos querem transmitir. O professor Alisson da turma do primeiro D, avalia os desenhos de seus alunos de forma positiva, pois eles fazem desenhos sobre a aula e da leitura do dia, desta forma os desenhos são avaliados. Ressalta-se que nesta sala constava 16 alunos, no início do ano de 2019 e não tinha alunos alfabetizados, mas no final do ano 7 alunos estavam alfabetizados. A docente Tulipa da turma do segundo ano também avalia os desenhos dos alunos de forma positiva, segundo ela, desenhar é uma forma da criança lidar com a realidade que a cerca, representando situações que lhe interessam. No início do ano os dez alunos desta turma ainda não eram alfabetizados, no entanto, ao final do ano dois alunos já estavam alfabetizados.

Dando continuidade, a professora Iris do terceiro ano, discorreu que o desenho é avaliado por ela de forma significativa, pois é por meio dos desenhos que o aluno transmite o que está acontecendo com ele e representa algo da sua imaginação. Neste contexto, Margarida

¹²Nas turmas A e C são duas professoras em cada sala.

¹³ Professora do horário pedagógico - (HP) que ministram as disciplinas de Geografia e História.

disse que avalia os desenhos dos alunos a partir das explicações colocadas pelos próprios alunos, sendo assim, os desenhos são avaliados de forma positiva.

Com base nas respostas dos participantes, é notório que a maioria dos desenhos dos alunos fazem parte das garatujas desordenadas, ou seja, fase inicial do grafismo infantil. Neste sentido, Hanauer (2013) descreve que nos primeiros desenhos produzidos a criança busca expressar os pensamentos e sentimentos das coisas que a cerca, além disso, pode desenvolver características cognitivas, emocionais e ao longo do desenvolvimento gráfico os desenhos ganham formas e mais intencionalidade.

Deste mesmo modo, Carvalho (2015) salienta que o desenho nesta primeira etapa para criança contribui também para o desenvolvimento da aprendizagem de forma significativa, pois no decorrer deste processo irá florescer novas habilidades e posteriormente os desenhos são modificados pela criança, pois a medida que desenha atribui novos significados ao grafismo de acordo com sua imaginação, neste viés, os desenhos passam a ser mais assimilados pela criança (COSTA, 2017). Após esta primeira indagação aos professores, o segundo questionamento a ser feito foi sobre a frequência do desenho livre em sala de aula e como é essa prática.

No âmbito desta discussão, as professoras do primeiro ano A Rosa e Estrelícia responderam que diariamente o desenho livre é praticado em suas aulas de duas formas, sendo elas, de acordo com o tema da aula e com desenhos do que as crianças gostam de brincar. Por sua vez as professoras da turma C Hortência e Dália e Margarida falaram que a frequência do desenho livre também é diária, a partir das histórias contadas e de trechos de música, além disso, Margarida acrescentou ainda que os desenhos são feitos na hora do lazer das crianças, onde eles estão livres para desenhar o que desejam. Os demais professores, responderam que abrem espaço para prática do desenho somente uma vez por semana, sempre na sexta-feira, pois este dia é destinado à aula de arte com desenho direcionado e livre.

Neste contexto, “o pouco espaço para a carga-horária da disciplina de arte gera, por consequência, pouco tempo para a prática do desenho, que se considera relevante para o desenvolvimento da consciência do estudante sobre si e o meio que o cerca” (LIRA, 2018, p.10). Conforme as ideias de Lira (2018) o tempo destinado para aula de arte é um dos principais fatores que contribui para que o ensino desta disciplina seja visto de forma equivocada, haja vista que no currículo escolar é dado mais ênfase a outras disciplinas como por exemplo Português e Matemática.

Em continuidade, é importante destacar a fala da docente Tulipa da turma do segundo ano, que relatou o seguinte: “*Toda semana na sexta feira abro o espaço para o desenho livre,*

*eles gostam e aproveitam para expressar seus pensamentos*¹⁴. O desenho espontâneo ou livre, como discorre Damasceno e Blaszkó (2019) é o ato de criação pela criança de forma livre, neste processo a principal característica é a fantasia que se faz presente nos traços sobre o papel, pois para criança cada traço, ponto e linha tem um significado, “por exemplo, rabiscos podem representar pessoas, o sol pode ter olhos e braços, um cachorro pode voar, pois a fantasia da mesma não possui limites” (DAMASCENO; BLASZKO, 2019, p.77).

Neste sentido, Passarinha (2012) pontua que por meio deste tipo de desenho a criança expressa desejos, sentimentos, vivências, de forma prazerosa e espontânea. Conforme a realidade narrada pelos participantes, fica perceptível que a prática do desenho livre não está presente dentro da sala de aula da mesma forma que o desenho direcionado, sendo assim, existe um grande equívoco em relação ao desenho livre, pois na teoria estes educadores relatam que solicitam este tipo de desenho, mas isto de fato não acontece com frequência.

Em seguimento, ao questionar os professores sobre os tipos de interferência realizada no momento que os alunos estão desenhando, somente as professoras Jasmim e Margarida relataram que não fazem interferência. A professora Jasmim discorreu que quando os alunos terminam de desenhar eles explicam para ela e para o restante da turma o que desenharam, ela faz anotações em seu caderno, já a professora Margarida proferiu também que não faz interferência, pois é preciso que os alunos se expressem de forma espontânea.

Em relação aos demais professores, todos fazem algum tipo de interferência quando o aluno está desenhando, dentre elas, as professoras Rosa e Estrelícia, Hortência e Dália sugerem cores, solicitam que identifiquem as cores e seguram na mão de alguns alunos que tem dificuldade para segurar o lápis. O professor Alisson interfere lembrando aos alunos de algumas partes do desenho que estejam faltando. Para melhor compreensão o professor citou o seguinte exemplo, “*procuro saber o que o aluno está desenhando para lhe lembrar alguma parte que está faltando, como por exemplo, se a criança desenha uma pessoa, lembrar das pernas, nariz, orelha etc...*”¹⁵.

As professoras Tulipa e Iris fazem interferência perguntando aos alunos sobre o desenho feito, qual o significado, ou seja, o que o desenho representa para eles. A interferência feita pelo educador é importante para o processo de evolução do grafismo, mas a partir do momento que o professor passa a controlar e a ter total direcionamento sobre o que o aluno vai desenhar, isto pode prejudicar e bloquear a imaginação da criança.

¹⁴ Entrevista concedida pela professora no dia 26 de novembro de 2019.

¹⁵ Entrevista concedida no dia 26 de novembro de 2019.

Neste ensejo, Machado (2008) afirma que a interferência realizada pelo professor se dá também no momento que são apresentados meios e condições para criança desenhar, assim como, incentivar o aluno a criar seus próprios desenhos. Desta forma, Belo (2017) afirma ainda que a interferência feita pelo professor durante a criação gráfica da criança não deve ser autoritária, pois o desenho da criança deve ser valorizado da forma que foi criado por ela. Em suma, as interferências que foram citadas pelos docentes é uma forma de contribuir para evolução gráfica dos alunos, pois mediante as narrativas deles a criança é o centro no processo de ensino aprendizagem, logo assim, o educador é o mediador neste contexto composto por singularidades distintas e níveis de aprendizagem diversificado.

Ao perguntar aos entrevistados se eles observam alguma relação do desenho com a escrita, cinco professoras responderam que não e justificaram o porquê da não existência desta relação. As Rosa e Estrelícia, Jasmim e Margarida responderam que os alunos a qual ensinam ainda não conseguem escrever, mais fazem desenhos, porém, não é estabelecida uma relação do desenho com a escrita. O participante Alisson proferiu que devido a deficiência dos alunos ser acentuada, ele enquanto docente não observa esta relação. No entanto, as professoras Hortência e Dália relataram que na turma do primeiro ano C, tem dois alunos que ao desenhar tentam traçar as letras. Por sua vez, Tulipa respondeu que observa esta relação da escrita com o desenho, conseqüentemente este elo entre escrita e desenho contribui para a criança durante sua escrita que se torna ainda mais natural. Neste sentido, Iris da turma do terceiro ano, articulou que também observa esta relação entre desenho e escrita e acrescentou “*Através do desenho o aluno tenta traçar as letras e fazer relação dela a gravura desenhada*¹⁶”.

Com base nos relatos dos professores, observa-se que a maioria dos alunos ao desenhar ainda não estabelecem uma relação do desenho com a escrita. Isto acontece, segundo Florêncio e Bueno (2015) pelo fato do aluno ainda está na primeira fase de evolução do grafismo, pois anteriormente os professores ao serem questionados proferiram que a maioria dos alunos ainda se encontra na fase das garatujas ou rabiscos desordenados. Sendo assim, a criança “tem muita dificuldade em escrever e reconhecer as letras e os números. Ao progredir desta fase para outra, a criança passa a identificar melhor a linguagem escrita, desenvolvendo seu cognitivo e ampliando seu repertório quanto às representações simbólicas” (FLORÊNCIO; BUENO, 2015, p.7). Diante disto, é notório que o desenvolvimento e evolução do grafismo acontece de forma paralela a evolução da escrita, assim, a prática do desenho em sala de aula contribui de forma significativa para aquisição da linguagem escrita alfabética.

¹⁶ Entrevista concedida no dia 27 de novembro de 2019.

O desenho desempenha um importante papel na aquisição da escrita pelas crianças. À medida que desenha, vai anunciando, oralmente, o texto que pretende escrever. A maior parte do que quer dizer no seu texto é transmitida por seu desenho. No início da aquisição da escrita, ela utiliza-se do desenho como apoio ao texto. Apresenta muito mais significado no desenho do que no texto propriamente escrito (FLORÊNCIO; BUENO, 2015, p.6-7).

Em suma, os fatores que dificultam esta relação entre desenho e escrita mencionados pelos docentes são fatores internos e externos, mas com o desenvolvimento da criança e seu desenvolvimento gráfico este elo de ligação entre estas duas formas de representação gráfica pode ser estabelecido. O mais importante é que o professor não deixe de praticar dentro do espaço escolar diferentes tipos de grafismo, pois com passar do tempo a criança passa a desenhar com mais exatidão e a escrever de forma mais compreensiva.

Em continuidade, o próximo questionamento feito aos professores foi sobre a importância do desenho para o desenvolvimento da criança, nesta indagação os colaboradores expressaram a opinião deles acerca dos motivos que levam eles a perceber a importância do desenho infantil para criança. Sendo assim, todos os docentes responderam que o grafismo é sim importante para o desenvolvimento da criança sobre diversos aspectos. As respostas dos professores foram as seguintes, Rosa e Estrelícia falaram que *“o desenho auxilia a criança durante sua comunicação, para receber informação, pois ao passo que mostramos desenhos prontos para eles, sobretudo para aqueles que tem dificuldade ao falar, estamos nos comunicando com eles”*¹⁷. As professoras citaram um exemplo de como elas utilizam o grafismo com a criança para receber informação *“quando mostramos o desenho de uma criança lavando as mãos, e pedimos para que eles façam o que está posto no desenho estamos interagindo com eles”*¹⁸.

A professora Jasmim acrescentou ainda que *“o desenho é importante para o desenvolvimento da criança por possibilitar trabalhar a coordenação motora, a mente e criar a própria história por meio do grafismo”*¹⁹. Ademais, as docentes Hortência e Dália ao serem questionadas proferiram que *“o desenho desenvolve o pensamento, a criança expressa seus sentimentos, habilidade artística e a coordenação motora”*²⁰. Por sua vez, o professor Alisson disse *“que por meio do desenho a criança cria e modifica as formas de se expressar sob diferentes percepções e aguça a imaginação”*²¹.

¹⁷ Entrevista concedida no dia 27 de novembro de 2019.

¹⁸ Entrevista concedida no dia 27 de novembro de 2019.

¹⁹ Entrevista concedida no dia 03 de dezembro de 2019.

²⁰ Entrevista concedida no dia 03 de dezembro de 2019.

²¹ Entrevista concedida no dia 26 de novembro de 2019.

Dando continuidade a este mesmo questionamento, a professora Tulipa respondeu que *“assim como as brincadeiras, o desenho marca o desenvolvimento da criança, sendo esta uma das primeiras expressões gráficas e a cada estágio de evolução a criança assume um caráter próprio”*²². Deste mesmo modo, a docente Iris pontuou *“É através do desenho que a criança constrói sua identidade e desenvolve sua linguagem fazendo com que haja uma interação com seus colegas”*²³. Por fim a professora Margarida proferiu que *“O motivo que me leva a perceber a importância do desenho infantil é mediante as formas de se expressar dos alunos com desenhos bem coloridos, logo assim, eles deixam a imaginação e a fantasia presente em seus desenhos”*²⁴. Todos os professores entrevistados sabem da importância do desenho para o desenvolvimento integral da criança, pois em cada resposta citada por eles fica explicado a importância do desenho para o desenvolvimento da criança.

Diante destes apontamentos, Pereira (2016) elenca de forma detalhada como o desenho é importante para o desenvolvimento da criança da mesma forma que os professores relataram anteriormente. Primeiramente, Pereira (2016) descreve que para o desenvolvimento da capacidade neuromotora, a criança realiza movimentos ao desenhar, desta forma a coordenação motora ampla e fina está em movimento. Ao utilizar a criatividade, o raciocínio lógico, a criança está exercitando o seu cognitivo, além disso os aspectos emocionais e sentimentais estão sendo aguçados. Ainda segundo Pereira (2016) nos fatores socioculturais, a criança ao desenhar utiliza expressões artísticas tanto do meio social no qual vive como também de outras culturas que são observadas por meio de diferentes formas de comunicação. Logo assim, todos estes elementos são essenciais para o desenvolvimento da criança e consequentemente reflete em seu processo de desenvolvimento e auxilia durante suas criações artísticas.

Em seguimento, a próxima indagação está relacionada a importância do desenho sobre a ótica dos educadores, se conhecem outros professores que acreditam que o desenho é uma tarefa simples sem importância e quais seriam os motivos destes educadores não acharem que o desenho é importante no processo de aprendizagem dos alunos. Ao analisar as respostas dos participantes, o professor Alisson foi o único entrevistado que afirmou conhecer professores que acreditam que o desenho não tem importância e relatou *“ Infelizmente existe professores que não dão ao devido valor, acham que o desenho é um meio de passar o tempo”*, acrescentou ainda: *“ Os motivos de alguns professores não acharem o desenho importante é por não*

²² Entrevista concedida no dia 26 de novembro de 2019.

²³ Entrevista concedida no dia 27 de novembro de 2019.

²⁴ Entrevista concedida no dia 03 de dezembro de 2019

valorizar as “caricaturas” feitas pelos seus alunos²⁵. Em relação, aos demais professores Rosa e Estrelícia, Jasmim, Hortência e Dália, Tulipa, Iris e Margarida responderam que não conhecem professores que têm esta ideia sobre o desenho infantil. Em termos conclusivos, a maioria dos docentes entrevistados declaram não conhecer docentes que tenha esta ideia equivocada a respeito da importância do grafismo infantil para aprendizagem dos alunos, isto é um dado positivo, haja vista das contribuições que este recurso pedagógico pode proporcionar a criança, como já foi pontuado no decorrer desta pesquisa.

Contudo, o professor deve ter a consciência que o desenho não é uma atividade para passar o tempo, assim como, uma brincadeira para entreter o aluno, “mas uma semente para muitas possibilidades de aprendizagem”, que sendo planejada pode ser um dos meios utilizado pelo educador para compreender seus alunos em diferentes contextos (GALVÃO, 2018).

²⁵ Entrevista concedida no dia 26 de novembro de 2019.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração da presente pesquisa nos leva a refletir sobre aspectos importantes acerca do desenho infantil dentro do ambiente escolar e social da criança sobre diferentes perspectivas, seja pela contribuição deste recurso gráfico para compreensão da vida dos nossos antepassados, por auxiliar o professor na compreensão de seus alunos e por ser um recurso didático importante durante a fase de transição da representação icônica para não icônica no período de alfabetização. Em vista destes argumentos apresentados, a análise realizada diante da questão norteadora deste trabalho monográfico nos mostra os seguintes resultados.

No que concerne à evolução da escrita, da rupestre para a escrita alfabética, a investigação nos mostrou que foi um processo longo e desafiador que envolveu diferentes contextos e povos em busca de uma comunicação escrita com mais agilidade e melhor compreensão entre os envolvidos. A arte rupestre ainda está presente nos dias atuais em vários sítios arqueológicos é uma arte universal e por meio dela e pela necessidade do homem em querer aperfeiçoar e ampliar as formas de comunicação surgiu a escrita alfabética. Dessa forma, a criança quando começa a escrever, seus primeiros traços são as representações gráficas icônicas, ou seja, desenhos, a partir desta primeira forma de comunicação surgem as primeiras letras, logo de início não existe relação entre grafemas e fonemas, o desenho neste sentido, é a base para o desenvolvimento da escrita.

Sendo assim, o grafismo nesta perspectiva contribui para o processo de ensino da criança logo nos primeiros anos de escolarização, pois é mediante o desenho que a criança externa graficamente, sobre o papel ou em outras superfícies, suas necessidades, sentimentos, além de contribuir com aspectos cognitivos, motores, sociais e emocionais. O desenho infantil como vimos ao longo deste trabalho, é um importante recurso dentro da sala de aula quando é utilizado pelo professor de acordo com as especificidades dos alunos e principalmente quando o professor deixa o aluno criar seus próprios grafismos de forma espontânea.

Assim, é possível pensar que o papel do professor dentro da sala de aula é de mediador do conhecimento, para tanto, é de suma importância que o mesmo conheça as fases de evolução do grafismo para que possa compreender os desenhos de seus alunos e não faça comentários equivocados a respeito dos desenhos. Diante destes argumentos, podemos perceber que o desenho infantil é de salutar importância para criança, logo assim, esta atividade não pode ser praticada dentro da sala de aula sem intencionalidade somente para entreter o aluno, pois como foi explicitado o grafismo é um importante recurso para criança e para o professor. Para tanto,

a isenção desta atividade acontece geralmente durante as aulas de arte, pois a disciplina de desenho não é mais obrigatória no currículo escolar.

Esta investigação nos mostrou também que a maioria dos docentes da Escola Lalá Ramos respectivamente do turno matutino, sabem da importância do desenho para o desenvolvimento gráfico, intelectual, social da criança e utilizam este tipo de atividade com vários objetivos, de forma livre ou direcionada, mas ficou explicitado que o desenho direcionado está mais presente em suas práticas educativas. Neste viés, é importante destacar que a experiência com desenhos espontâneo e direcionado desenvolvida com as crianças do segundo ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental foi significativa para crianças, pois esta é uma atividade que todos gostam de fazer, se fosse permitido eles passavam a aula inteira desenhando e ouvindo as contações de história.

Neste ensejo, as histórias contadas contribuíram para o desenvolvimento de uma prática pedagógica mais dialógica, pois ao passo que as histórias eram contadas o diálogo era estabelecido, as leituras de imagens despertavam imaginação e o desejo em aprender a ler era aguçado por essas crianças. Neste momento elas eram capazes de se reconhecerem dentro das histórias, pois no momento de socialização dos desenhos por elas criados sempre eram externados os personagens ou elementos que fazem parte de suas vivências, desta forma era intercalado fatos vivenciados nas histórias com a própria realidade do educando, dando novos sentidos à vida.

Neste sentido, é importante destacar a insegurança de alguns alunos durante suas criações, pois antes de começarem a desenhar falavam que não sabiam, que seus desenhos eram feios, um outro dado importante era a escolha da cor, pois muitos tinham restrições em querer utilizar os lápis de cores mais escuras. Neste momento enquanto pesquisadora, procurava sempre estimular eles e mostrar que todos são capazes de fazer seus desenhos, sobre a escolha das cores falava para eles que devemos utilizar todas cores que tínhamos disponíveis, pois os desenhos coloridos ficavam bonitos, por isso quanto mais cores pintamos os desenhos ficam mais alegres. Diante disso, foi possível perceber que estes alunos têm o hábito de utilizarem mais desenhos prontos, pois tinham dificuldades de criar seus próprios desenhos.

Dessa forma, durante estes quatro meses de pesquisa e mediante as práticas com desenhos permitiram compreender a relação do grafismo com a escrita destes alunos, como também as formas de se expressar por meio do grafismo. Ao analisar os resultados obtidos, podemos ressaltar que a maioria dos alunos da turma do segundo ano fazem relação da escrita alfabética com desenhos, além disso, foi possível identificar as fases de evolução do grafismo que estes alunos se encontram, quais as dificuldades apresentadas por eles em relação à escrita

até do próprio nome como já foi pontuado no decorrer desta pesquisa. Ademais, durante as aulas dois dos dez alunos desta turma, Pérola e Jaspe leram algumas palavras, a alegria destes alunos durante o momento da leitura foi emocionante, pois eles não estavam acreditando que estavam conseguindo ler, isto nos mostrou que utilizar o grafismo nas aulas com fins pedagógicos pode proporcionar resultados positivos. Diante deste fato, percebi que a realização desta pesquisa me possibilitou a aprender a aprender, ou seja estes alunos me incentivaram a buscar novas metodologias para ensinar, isto contribuiu para minha formação tanto profissional como pessoal, pois está contribuindo com a educação destes alunos para mim foi uma experiência enriquecedora.

Esta pesquisa também me fez lembrar dos momentos em que tive aula de arte, as atividades propostas pela professora que eram cheias de regras, a professora sempre falava as cores que deveríamos utilizar para colorir os desenhos e até mesmo para fazer o contorno do grafismo, não era uma produção de forma espontânea. Neste contexto, durante as aulas que ministrei procurei deixar os alunos mais livres para desenhar, porém com acompanhamento, de forma que o ator criador deles fossem posto em evidência e o resultado foi significativo.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir no âmbito educacional para professores e demais profissionais desta área por analisar aspectos centrais sobre o desenho infantil e demonstrar que o desenho não é uma atividade inacabada, mas uma atividade com várias possibilidades e significados para criança e para o professor no contexto educacional. Ademais, pode contribuir também no aspecto social, pois quando a criança é estimulada dentro da sala de aula e passa a conhecer diferentes expressões artísticas e entender a importância da arte ela poderá desenvolver futuramente um olhar com criticidade sobre seu meio social por meio da arte. Portanto, esta é uma temática ampla que possibilita várias nuances a serem pesquisada e futuramente no mestrado pretendo continuar investigando sobre esta temática que é o grafismo infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte /** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. **Construção Psicopedagógica.** v.18, n. 17, p. 20-41, dez. 2010.

ALVES, Gerlúzia de Oliveira Azevedo. **A Arte Rupestre como expressão comunicativa da cultura.** 2006. 81f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade do Rio Grande do Norte, 2006.

BELO, Camyla Carolyne. **Desenho infantil: uma forma de comunicação que pode ser decifrada e compreendida pelo professor.** Monografia. (Licenciatura em Pedagogia) – UNIFOR - Centro Universitário de Formiga, 2017.

BEZERRA, Nivândia Maria. **O olhar do professor sobre o desenho da criança pequena.** 2016. 28f. Monografia (Bacharel em Psicopedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

CAGLIARI, Luiz Carlos. A origem das letras do alfabeto. **Jornal da Alfabetizadora,** Porto Alegre, v.7, n.40, p.1-8, 1996.

CARVALHO, Valéria Luzia Fernandes. **O desenho como forma de expressão no Ensino de Artes Visuais.** 2015. 45f. Monografia (Especialista em Ensino de Artes Visuais) – UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

CAVATON, Maria Fernanda Farah. **A mediação da fala, do desenho e da escrita na construção de conhecimento da criança de seis anos.** 2010. 173f. Tese (Doutorado em processos de desenvolvimento humano e saúde) – Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2010.

COSTA, Manuella Fahianny Medeiros. **O Desenho infantil e sua contribuição para a aprendizagem.** Monografia. (Licenciatura em Pedagogia) – UFNR - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2017.

DAMASCENO, Luan Leandro; BLASZKO, Caroline Elizabel. Educação Infantil: O desenho livre como potencializador de novas aprendizagens. In: XXI SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS: PRODUÇÃO DO ESPAÇO E VALORIZAÇÃO REGIONAL, UNESPAR, 2019, PARANÁ. **Anais**. Paraná: Universidade Estadual do Paraná.

ENDO, Tatiana Sechler. **A pintura rupestre da pré-história e o grafite dos novos tempos**. 2009. 12 f. Monografia (Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FARIAS, Edinalva de Jesus. **A pintura rupestre para as Artes Visuais e para a História: Contribuições para a aprendizagem dos alunos no Ensino Fundamental 2**. 2017. 56f.

FAYOL, Michel. **Aquisição da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FERREIRA, Ana Patrícia. **A importância do ensino de artes visuais na educação infantil**. 2015. 39f. Monografia (Especialista em ensino de Artes Visuais) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. Pesquisa quantitativa e qualitativa: perspectiva para o campo da educação. **Revista Mosaico**, v.8, n.2, p.173-182, 2015.

FERREIRA, Raoni Araújo. **A serra do cipó e seus vetores de penetração turística – Um olhar sobre as transformações socioambientais**. 2010. 152f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

FLORÊNCIO, Cátia Eliana; BUENO, João Aparecido. A Relação Entre o Desenho e a Aquisição Escrita, Segundo a Visão dos Professores da Pré-Escola, da Escola Municipal de 1º Grau “Ebenzezer”, no Município de Guarantã Do Norte-MT, No Ano de 2005. **Nativa– Revista de Ciências Sociais do Norte de Mato Grosso**, v. 4, n. 2, p. 1-9, 2015

GALVÃO, Laise Raquel Meireles. O olhar do professor na interpretação de desenhos infantis: estudo realizado na Escola “Jardim de Infância O Pescador”, em Raposa- MA, com crianças de quatro a cinco anos de idade. **Revista Humanas et al**. v. 5, n. 9. p. 65-88, jul, 2018.

GALVÃO, Laise Raquel Meireles; BARROS, Gilsene Daura da Silva. O olhar do professor na interpretação de desenhos infantis: estudo com crianças de quatro a cinco anos de idade. **Revista Humanas et al**. v. 5, n. 9, p. 65-88, jul. 2018.

GASPAR, Madu. **A Arte Rupestre no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GRAFISMO. In: Dicio, Dicionário online de Português. Porto:7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/grafismo/#:~:text=Significado%20de%20Grafismo,tra%C3%A7ar%20uma%20linha%2C%20de%20desenhar>. Acesso: 02/10/2020.

GROBEL, Maria Cecília Blumer; TELLES, Virgínia Lúcia Camargo Nardy. Da comunicação visual pré-histórica ao desenvolvimento da linguagem escrita, e, a evolução da autenticidade documentoscópica. **Revista Acadêmica Oswaldo Cruz**.v.1, n.1, p. 1-12, jan/fev, 2014.

HANAUER, F. Riscos e Rabiscos- o desenho na educação infantil. **Perspectiva**. v. 37, n.140, p.73-82, dez, 2013.

HISTER, Rejane. A criança e o seu desenho: uma construção significativa na idade pré-escolar. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 6, n. 4, p. 252-261, nov, 2015.

JUSTAMAND, Michel. As comunicações e as relações sociais nas pinturas rupestres. **Anuário de arqueologia**. v.1, n.7, p. 51-65, 2015.

LA PASTINA, Camila Carpanezzi. Apropriação e cópia no desenho infantil. **Políndromo**. v. 1, p. 131- 155, 2009.

LIMA, Sidiney Peterson Ferreira de; LIA, Camila Serino. **Arte /Educação**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017.

LIRA. Tatiana Rodrigues. **Desenho Livre no ensino das artes visuais na educação básica**. 26f. Monografia. (Licenciatura em Artes Visuais) – UNB – Universidade de Brasília, 2018.

LUCAS, Maria Angélica Olivo Francisco; CUSTÓDIO, Tatiana; VIDOTTI, Thaís Tono. O papel do desenho no processo de apropriação da escrita. In: SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM, 2012, MARINGÁ. **Anais**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá.

LUNA, Franciele da Silva; SILVA, Ruth André. **Psicogênese da língua escrita: o processo de ensino e aprendizagem de alfabetização no 1º ano do ensino fundamental**. 2013. 91f. Monografia (Curso de Pedagogia) – Unisalesiano - Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Lins – São Paulo, 2013.

MACHADO, Lucimar da Silveira Vieira. **Desenho – Pré-estabelecido e Espontâneo**. Monografia. (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

MACHADO, Rosilene Beatriz; FLORES, Cláudia Regina. Cenas de um ensino de Desenho: reflexões metodológicas para escrita da história. **Diálogo Educacional**. v.11, n. 34, p. 687-707, set./dez. 2011.

MARQUES, Carina Domingues. A Arte Rupestre. **Monções UFMG**. v. 3, n. 4, p. 21-36, fev, 2016. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais) – UnB - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

NETA, Ana Anita. **A escrita como fator determinante para o desenvolvimento da humanidade**. 33f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - UFRGN- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.

OLIVEIRA, Rosangela Rodrigues Vieira de. **Museu do desenho da criança: um olhar sobre o grafismo infantil**. 56f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) –Universidade Federal de São Paulo, 2018.

PAIVA, Vera Lúcia Meneses de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PASSARINHA, Joana Margarida Hilário. **O desenho como suporte de aprendizagem no contexto de jardim de infância**. 2012. 259f. Dissertação (Mestrado em Educação Pré-

Escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino básico) - Instituto Politécnico de Castelo Branco, 2012.

PASSOS, Isaias Cristiano da Silva. **Leitura e escrita: uma trajetória dos suportes**. 65f. Monografia. (Bacharel em Biblioteconomia) — Universidade de Brasília, 2017.

PELIÇÃO, C; RIBEIRO, R. A. S. O desenho da criança e sua capacidade criativa. *In*: DICKMANN, I; LAZAROTTO, A. F. (orgs.) **Educação e escola: processos de ensino aprendizagem**. Rio Grande do Sul: Plataforma acadêmica, 2018, p. 65-75.

PEREIRA, Ana Catarina. **A importância do desenho infantil para o desenvolvimento das crianças em jardim de infância**. 2016. 177f. Dissertação (Mestrado em Educação Pré-Escolar) – UAlg - Universidade do Algarve, Portugal, 2016.

PILLAR, A. D. **Desenho e construção de conhecimento na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

RIES, Gabriela. **Arqueologia: um potencial para o ecoturismo no Brasil**. Serra da capivara, um exemplo a ser seguido. 2003. 136f. Monografia (Pós-graduação em Ecoturismo) - CET Centro de Educação em turismo e hotelaria, São Paulo, 2003.

ROSSETO, Alessandra Dedéco Furtado. **Sondagem digital da escrita de crianças em fase alfabetização: uma abordagem tecnológica a partir da psicogênese da língua escrita**. 2017. 73f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UTFP- Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2017.

ROSSI, Maria Cristina de Barros. **Suporte analógico: desenho à mão livre**. 2008. 196f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Mackenzie - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

SILVA, Etyene Alana Roberto da. **Psicogênese da língua escrita: construção das crianças e trabalho pedagógico da professora de uma turma do 1º Ano do Ensino Fundamental**. Monografia. (Licenciatura em Pedagogia) – UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.

SILVA, Rosemary Ferreira da; ROSA, Marise Marçalina de Castro Silva. Extensão universitária no currículo das licenciaturas: inovação e relação de sentido. **Olhar de professor**, v. 14, n. 2, p. 1-11, 2011.

SILVA, Gisele da Costa. O desenho da criança na educação infantil. **Revista Eventos Pedagógicos**, v.7, n.3, p.1117-1131, ago/dez, 2016.

SILVA, Monalisa Hipoliti. **O desenho na educação infantil**. 2011. 39f. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais) – IDA/UnB – Instituto de Artes da Universidade de Brasília, Barretos, 2011.

SILVA, Sílvia Maria Cintra da. O professor de educação infantil e o desenho da criança. **Proposições**. v.10, n. 3, p. 67- 75, nov. 1999.

SOUZA, Ana Paula Bellot. **Evolução do grafismo na educação infantil**. 2010. 50f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – UCM - Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2010.

SOUZA, Laís Andrade; FILHO, Eudaldo Francisco dos Santos; TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. Cronologia visual da tipografia: do surgimento da escrita à idade média. In: XI SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENHO, CULTURA E INTERATIVIDADE, 2015, Bahia. **Anais**. Bahia: Universidade Estadual de Feira de Santana.

WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. A pesquisa etnográfica como construção discursiva. **Acta Scientiarum**, v. 23, n. 1, p. 27-32, 2001.

YAVORSTI, Rosely; CAMPOS, M. A. S. A importância do desenho infantil para o desenvolvimento da escrita no ensino fundamental. **Revista GeoPantanal**, v.13, n.25, p. 165-180, jul. /dez, 2018.

ZATZ, Lia. **Aventura da escrita**: a história do desenho que virou letra. São Paulo: Moderna, 1991.

APÊNDICE

APÊNDICE – A: pesquisa com docentes da Escola Lalá Ramos

PESQUISA: para trabalho de conclusão de curso

ORIENTADORA: Cristiane Dias Martins Da Costa

ORIENTANDA: Maria de Fátima Braga Novaes

CURSO: Pedagogia – UFMA/Campus Codó

QUESTIONÁRIO

IDENTIFICAÇÃO DO DOCENTE

Nome: _____

Formação acadêmica: _____ **Tempo de docência:** _____

Turma/ano de atuação: _____ **Turno:** _____

Quantidade de alunos: _____ **Tempo de profissão:** _____

Alunos não alfabetizados (início do ano): _____ **(final do ano):** _____

Alunos com necessidades educativas especiais (quais?): _____

1. Considerando os alunos que ainda não escrevem, como avaliam os desenhos dos alunos?

2. Qual a frequência do desenho livre na sua aula? Citar exemplos.

3. Quando o aluno está desenhando você faz algum tipo de interferência? Qual tipo de interferência, por exemplo?

4. Qual tipo de desenho você solicita com mais frequência para os alunos fazer?

5. Você observa algum tipo de relação do desenho da criança com a escrita? () sim () Não

Explique:

6. Na sua opinião, o desenho é importante para o desenvolvimento da criança? ()Sim ()Não.
Cite os motivos que levam você a perceber a importância do desenho infantil.

7. Você conhece professores que acreditam que o desenho é uma tarefa simples sem importância? ()Sim ()Não.

8. Quais seriam os motivos de alguns educadores não acharem que o desenho é importante no processo de aprendizagem dos alunos?

Data da entrevista: __/__/__